

Anísio Brito

*O Município de
Piracuruca*

(SEPARATA DO

"O Piauí no Centenário de
Sua Independência")

Editado pela primeira vez por:
Papellaria Piauíense
Therezina - Piauí
1922

Reeditado por:
Haroldo Barros
e impresso na:
Padrão Artes Gráficas
Piracuruca - Piauí
2000

ÍNDICE

História - Fundação	03
História - Primeiros Tempos.....	05
História - Piracuruca na Independência.....	06
História - Vila de Piracuruca	09
História - Revolução dos Balaios - Influências Gerais.....	10
História - Revolução dos Balaios - Causas Locais.....	14
História - Partidos.....	21
Geografia - A cidade	22
Geografia - Superfície.....	23
Geografia - Limites	24
Geografia - Clima e Salubridade	25
Geografia - Orografia - Aspecto Geral do Solo.....	26
Geografia - Hidrografia.....	29
Geografia - Flora.....	31
Geografia - Fauna	32
Geografia - Minerais.....	33
Geografia - Vias de Comunicação e de Transporte	34
Geografia - Instrução.....	36
Conclusão.....	38

História - Fundação

Abaixo cerca de 30 léguas da nascente do Rio Piracuruca, estende-se imensa planície, à direita do mesmo rio, onde, em começo do século XVIII, pela sua situação mui própria para estabelecimentos de criar, se fundou a fazenda denominada “Sítio”, que é o nome, também, da sesmaria onde se acha encravada a hoje cidade de Piracuruca.

Sem base para uma afirmação positiva, parece-me, contudo, que “Sítio”, era simplesmente a denominação da sesmaria e não como quer Pereira da Costa (Cronologia Histórica) que diz ser o nome de uma fazenda de criar.

Contra isto se opõe a própria tradição da fundação da cidade. Piracuruca, os seus primeiros dias estão envoltos na lenta. A sua existência história, o seu desenvolvimento, prende-se à construção da igreja de N.S. do Carmo, por bandeirantes portugueses, na primeira metade do século XVIII. Descoberto em 1662, por bandeirantes paulistas, o Piauí. (bandeirantes do ciclo de caça ao índio) em breve o seu território, quando se descobriram as primeiras pedras e metais preciosos no Brasil, foi visitado pelos portugueses que, em todos os recantos dos sertões do país buscaram minas, tesouros fabulosos a que os impelia o sonho da fortuna fácil. Às correrias ao índio, sucederam as pesquisas de minerais e pedras preciosas.

Tal a quantidade de portugueses egressos de Portugal que o próprio rei temendo o despovoamento do reino, proibiu a retirada dali, de seus súbditos. Antes, incentivava o interesse dos portugueses, dando-lhes títulos, elogios e promessas por descobrirem terras auríferas, como aconteceu com o celebre bandeirante paulista Paschoal Paes de Araújo (ou Sebastião Paes de Barros, como quer Basílio de Magalhães) que, em 1672 atravessou os sertões do Piauí e Maranhão, feito que chegou ao conhecimento do então Regente D. Pedro. A temeridade de Paschoal Araújo valeu-lhe um elogio régio e pedido de remessa de amostra de minerais e pedras preciosas. Como sempre acontecia aos desbravadores e exploradores sertanistas, as descobertas de Paschoal Araújo não foram reveladas, visto que, logo, encontrou a morte e não pode relatar os seus descobrimentos.

Os sertões eram varados em todas as direções, os rios vadeados, dos audazes bandeirantes. Até os governadores de capitânicas quando vinham ao Brasil, eram preocupados mais com as jazidas de minerais de que imaginavam possuidora a terra, que com a missão de que se achavam investidos. E quantas cidades hoje, florescentes e ricas não tiveram sua origem de um simples pouso de bandeirantes?

É que, muita vez, escasseada a provisão na longa jornada, a resignação dos sertanistas obrigava-os a demorar dias, meses, à margem de um rio, em sítio mais protegido, no plantio da sementeira, até que viesse a seara.

E a hoje cidade de Piracuruca remonta suas origens, a um desses lances de audácia, por parte de dois indivíduos que, em arriscada aventura, percorriam os sertões piauienses.

Dois portugueses – Manoel Dantas Correia e José Dantas Correia, em princípios do século XVIII, se internaram nos sertões piauienses, explorando o vasto território da então capitania ainda sem autonomia. Riquíssimos, os dois aventureiros, depois de muito andarem e sem que receassem perigos sem conta, que lhes poderiam sobrevir, caíram inesperadamente em mãos dos selvagens que os aprisionaram. Eram índios antropófagos, habitantes do litoral, e, logo, os dois prisioneiros consideraram sobre a miserável sorte a que eram destinados, prisioneiros que estavam, daqueles bárbaros. Na emergência, desenhando-se-lhe na imaginação o momento lúgubre em que iriam servir de repasto, sem outro recurso para reaver a suspirada liberdade, volveram-se aos braços consoladores, e, às vezes, infalíveis da fé: fizeram um voto a N.S. do Carmo de lhe mandarem construir majestoso templo, naquele local, onde se achavam prisioneiros, si a excelsa virgem lhe salvasse a vida.

A virgem operou o milagre: recuperaram a liberdade os irmãos Dantas. E a construção do templo teve início em 1743, sendo a mais suntuosa, mais bela, mais bem construída e mais estética do Piauí.

“A igreja mede 39 metros de extensão sobre 18 de largura, e é toda armada, tanto interna como externamente, de elegantes colunatas de pedras lavradas que forma, na entrada um belo peristilo. Constando de três capelas e cinco altares, elegante e artisticamente dispostos, primando pela escultura, pintura e obras de talha, notam-se ainda muitos outros objetos custosos e de subido merecimento artístico, como a pia batismal, o púlpito, um lavatório de mármore, a lâmpada de prata e outros objetos e parâmetros dignos de nota.

Os irmãos Dantas não pouparam despesas nem sacrifícios, na construção de tão belo monumento, e por sua morte legaram todos os seus bens para o patrimônio da igreja, ainda hoje riquíssimo e avultado”.

São as seguintes as fazendas com as respectivas propriedades em uma extensão de 12 ½ léguas, doadas pelos irmãos Dantas a N.S. do Carmo “Monte”, “Macambira”, “Curral dos Cavalos”, “Veados”, “Perus”, “Boqueirão”, “Pitombeira” e “Batalha”. (*)

O documento de doação, peça bem longa, foi visto na administração do Sr. Joaquim de Almeida, pela última vez, sendo bem possível, que se tenha extraviado. É inédito, e aquela autoridade eclesiástica fez estampar no jornal “O Apostolo” alguns períodos do mesmo, no intuito de provar que aqueles bens não eram inalienáveis. (**)

A igreja não ficou terminada. Antes da cobertura que era o que faltava, da obra geral, faleceram os irmãos Manoel e José Dantas Correia. Em torno desse suntuoso templo, erguido pela mão poderosa de fé, se foram congregando indivíduos, familiares, que, resolutas, edificam as primeiras casas, constituindo, dentro de pouco tempo, a desenvolvida e próspera povoação de Piracuruca.

(*) dessas fazendas hoje, apenas resta uma as outras, propriedades inclusive, foram vendidas pelo Bispo D. Joaquim de Almeida em 1908, por 48.000\$000.

(**) “O Cônego Antonio Rodrigues Sodré, Escrivão da Câmara Eclesiástica do Bispado de São Luiz do Maranhão

Certifico de ordem de S. Ex. Rev. Ma. O Sr. Bispo Diocesano que entre vários documentos existentes no cartório à meu cargo, relativos a paróquia de Piracuruca Estado do Piauí, se encontra a certidão do teor seguinte: “Domingos de Freitas Caldas, Escrivão do Publico Judicial e notas e maior anexo nesta Vila de São João da Parnaíba e seu Termo de Provisão do Ilmo. Sr. Governador dessa Capitania &

“Certifico que revendo o livro de Registro dos Testamentos dos que falecem nesta Freguesia e termo, nele achei Registrado o Solene Testamento com que faleceu na Matriz da Piracuruca Manoel Dantas Correia e no mesmo a folhas dezesseis verso a Verba de que o requerimento retro faz menção a qual e da maneira e teor seguinte: “Declaro que pagas as minhas dívidas e satisfeitos meus legados, declaro nomeio e instituo por minha universal herdeira de todo o restante de meus bens assim moventes como semoventes, a virgem Nossa Senhora do Monte do Carmo desta Freguesia de Piracuruca Capitania do Piauí deste Bispado do Maranhão com obrigação de se dizerem todos os anos na sua Matriz duas Capelas de Missas por minha alma, e o ano para esta obrigação terá seu princípio no dia da minha morte e quero que para se dizerem prefira sempre o Pároco da Freguesia. Declaro que as duas ditas fazendas Veado e Boqueirão se conservem sempre com o meu ferro e signa e que tenham o título de Fazendas de Nossa Senhora do Monte do Carmo minha universal herdeira como dito tenho e é minha vontade. E nada mais se continha em ditas verbas Testamentais que bem e fielmente aqui certifiquei do próprio Testamento que se acha registrado no hum Livro de vistos (sic) que se acha em meu poder e cartório, ao qual me pretor em todo e por todo e vai certificado na verdade sem cousa que duvida faça, pois com s mesmas verbas esta certidão conferi, concertei e assinei nesta Vila de São João da Parnaíba aos quatro dias do mês de Janeiro do ano de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e oitocentos anos, Em fé da verdade – O Escrivão Domingos de Freitas Caldas” – D. 243” Cons 80” – Lopes – E nada se continha na referida certidão e ao original me reporto. O referido é verdade e dou fé. Câmara Eclesiástica do Bispado de São Luiz do Maranhão, 16 de Setembro de 1896. E eu o Cônego Antônio Rodrigues Sodré, Escrivão, a escrevi e assinei – Cônego Antônio Rodrigues Sodré.”

L.S. Visto Maranhão, 17 de Setembro de 1896.

+ ANTONIO, Bispo do Maranhão

História - Primeiros Tempos

Foi rápido o desenvolvimento da povoação, relativamente ao das outras da capitania. E a população sempre abastada e entregue aos labores da criação, que férteis e "cobertos de ricas pastagens" são os seus terrenos, planos em geral e regados de córregos que lhe dão aqui e ali encantadores panoramas.

Em breve, a suntuosa igreja de N.S. do Carmo foi contornada de casaria despertando das fronteiras as simpatias ao povoado.

Não se conhece a data da elevação de Piracuruca à freguesia: entretanto, se pode afirmar que antes de edificado o templo, já o era, visto que o Bispo do Maranhão D. Fr. Manoel da Cruz, por Provisão de 27 de novembro de 1742, que criou a paróquia de Marvão, (hoje Castelo, naquele tempo Rancho dos Patos) removeu o Padre José Lopes Pereira, da freguesia de Piracuruca, (Pereira da Costa).

Em 1760, quando já se achava edificada a igreja já aparecem docs. Que tratam da freguesia de Piracuruca. Em 1762, a povoação já possuía 1402 pessoas adultas. Sendo Parnaíba o empório do comércio do sertão da capitania, Piracuruca era o ponto de passagem de comerciantes de todo o norte, pelo que muito facilitou o seu desenvolvimento.

Foi visitada pelos primeiros governadores da capitania, e Carlos César Burlamarqui notando-lhe o progresso chegou a propor à metrópole a elevação de Piracuruca à categoria de vila, em 1807 o que não foi deferido.

A 18 de agosto de 1762, o primeiro governador da capitania, João Pereira Caldas, instalou com as solenidades do estilo a vila de São João da Parnaíba na Matriz de Piracuruca, ato a que assistiram o Conselheiro do Conselho Ultramarino Francisco Marcelino de Gouveia e o desembargador ouvidor geral Luiz José Duarte Freire.

Nesse mesmo ano, achando-se em guerra, Portugal, o Governador da Capitania atendendo a determinações do Ministério da Marinha, organizou um corpo de tropas com o fim de guarnecer as barras do rio Parnaíba e o canal da Igarçu, e, coube à povoação de Piracuruca contribuir também com os seus filhos para a defesa da terra piauiense de prováveis ataques por parte dos inimigos.

Em 1797, a população de Piracuruca já se elevava a 7.315 pessoas, segundo informações do vigário Antônio José Sampaio (apud Pereira da Costa, cronologia Histórica).

A renda pública do dízimo do gado vacum e cavalariço, de 1809 a 1814 se elevou a 22:000\$000, soma absolutamente igual à de Parnaíba, em igual período, segundo investigação de Pereira da Costa.

História - Piracuruca na Independência

Bem que simples povoado ainda, sem autonomia, acompanhou o movimento libertário que precedeu a nossa separação de Portugal.

Proclamada a nossa independência em Parnaíba, a 19 de outubro, o sargente-mor João José da Cunha Fidié partiu, imediatamente, de Oeiras, passando em Campo Maior e em Piracuruca a 12 de dezembro de 1822.

Em Parnaíba não teve que lutar o governador das armas, pois, os chefes independentes Simplício Dias da Silva, Leonardo Castelo Branco, Domingos Dias da Silva, Bernardo Antônio Saraiva, Ângelo da Costa Rosal, Bernardo de Freitas Caldas, tenente Joaquim Temoteo de Brito e Dr. João Cândido de Deus e Silva, sem recursos militares, foram procurá-los no Ceará.

Foi, antes, recebido festivamente pelo povo e câmara municipal.

Cabe, agora, narrar a ação de Leonardo de N.S. das Dores Castelo Branco (Leonardo de Carvalho Castelo Branco) relativamente a Piracuruca. Achava-se no Ceará o ardoroso patriota, e, conseguindo ali reforços, dirigiu-se à povoação de Piracuruca, que tomou a 22 de janeiro de 1823, proclamando a independência, ali, redigindo esta proclamação:

“Queridos irmãos que habitais as fecundas margens do caudaloso Parnaíba, por um e outro lado, dignai-vos atender às sinceras vozes de um Patrício vosso, que, todo, unicamente se dedica ao vosso bem presente e ainda mesmo no futuro.

Até quando, malignas e espessas nuvens ofuscam as luzes do vosso entendimento, pois vós sois Brasileiros, e recusais obedecer ao Sr. D. Pedro, Imperador Constitucional e seu Perpétuo Defensor?

Não sois europeus e seguis o seu partido com perigo evidente da vossa vida e com perda da honra. Ah! Onde estão o brio e o patriotismo brasilienses; onde a honra e onde o dever?

O meu coração se vê dilacerado pelo punhal da mais intensa dor!

Irmãos, Irmãos! Quereis ter a doçura que a forja exigia de vós e por violência obtenha o que o dever, a honra e o patriotismo em vão, até gora, vos tem tão instante e cordialmente persuadido! A dor me embarga as vozes do sentimento, apenas respiro.

Quereis que a vossa adesão à nossa santa e comum causa seja da força! Pois seres satisfeitos, - Eila: ela se apresenta. Um pé de exército de quarto a seis mil homens vai fazer o mesmo em Campo Maior; há mais um corpo de observação para conter o inimigo, a quem inquieta com contínuas correrias pela costa. Todos eles trazem os petrechos de guerra e várias peças de campanha, que tornam mais terríveis suas forças. Além destes corpos, um batalhão ligeiro de índios e brancos de mais 600 praças, destinado a cortar as relações do inimigo com o sul da província, ali plantou o seu quartel comandante pela voluntária reunião dos povos circunvizinhos.

No curto espaço de três dias tem visto crescer o duplo dos seus soldados.

Obtida a possível reunião dessas forças mencionadas, seguros da vitória, marcharemos alegres a desalojar o nosso tirano déspota do seu último mal seguro asilo...

Ele não ignora a sua fraqueza; a deserção da sua tropa aumenta o temor. Consequente a este conhecimento, o seu pesar se patenteia por três cartas escritas a seus amigos de Campo Maior e Oeiras e por um ofício dirigido às autoridades de Caxias, pedindo socorro, todos esses papéis nos vieram às mãos por serem tomados pelos nossos soldados da guarda avançada. Concluída esta expedição, o que esperamos em brevíssimos dias, a não termos mais que fazer, exultando de gosto por sermos instrumentos da liberdade de nossos irmãos, cantando alegres hinos ao Senhor Deus dos Exércitos, entre os vivas e

aclamações, ufanos entraremos em nosso País Natal, cheios de uma nobre e gloriosa vaidade. Estes são os nossos desejos; mas si os vossos fascinados irmãos do Maranhão, ou mesmo do Piauí, persistirem teimosos em fazer a facção política ou desmembração do Império Brasiliense, rebeldes aos decretos do nosso Augusto e Amado Imperador, acaso devemos nos consenti-lo? Não, mil vezes, não, primeiro derramaremos a última gota de nosso sangue.

Ah! Queridos e enganosos irmãos, que é o que temeis? E que é o que esperais? Temeis as forças do miserável Portugal esgotadas com as contínuas levas de soldados do sul do Brasil, onde todos têm sido sacrificados à deusa da Liberdade Brasiliense?? Que esmaga suas cabeças com a mão armada do ferro com que pretendíamos subjugar-nos?

Este magnânimo liberal exemplo nos têm dado aqueles nossos intrépidos irmãos e por que não os imitais? Dezesesseis províncias, desde além Prata até os limites ocidentais do Ceará, todas à uma voz, proclamam a liberdade e prestam gostosa obediência a D. Pedro.

Não temeis essas forças, muito superiores às vossas, e, existentes no vosso próprio continente e confiantes e temeis as de Portugal tão remotas e apoucadas? Que estranha mania!

Passando em silêncio os poderosos socorros que nos prestam várias nações do continente Europeu e Americano, vamos analisar o que é que esperais:

Oferece-vos, por ventura, grandes vantagens a dependência servil de Portugal, isto em tudo e por tudo; e não encontreis nenhuma no comércio franco e liberal das Nações que a nossa Independência nos assegura? Torno a dizer: que estranha mania!! Irmãos! Com que os ousais procedimento alheio a honra Brasiliense e até ao siso comum? Acaso vos decidis sobre a vossa futura felicidade pelo que ledes nas lodosas páginas do “Conciliador”?

Ignoramos que o seu redator é europeu e por isto nos oculta o conhecimento dos fatos que fazem o nosso bem e fazem o direito inalienável e decidida razão com que proclamamos a nossa independência? Ele nos chama faciosos, perjuros, incendiários; ele nos reputa estúpidos e iludidos agentes do velho despotismo; ele finalmente, afirma que o partido europeu é atualmente quase geral no reino Brasílico. Que mentira e que blasfêmia política! Proclamamos a Constituição a par da Independência; elegemos deputados para as Cortes Brásílicas e estas se estão reunindo. O nosso imperador aclamou-se Constitucional e continuamos a conservar e a eleger governos provisórios: todas as questões sociais se decidem pela maioria de votos &&. Seria isto que o padre Tosinho chama despotismo? Se assim é, que, pois chamará constituição?

Quanto aos exemplos de consciência que estes senhores e outros iguais nos metem, não é mais que um pretexto próprio só para se enganar gentes rudes que ignoram a natureza dos contratos e o que eles obrigam. Os contratos são absolutos ou condicionais a estas condições ou não expressas ou ocultas, inarticuladas e para conhecermos que estas tem lugar é preciso examinarmos os direitos inalienáveis do homem, &. Este exame nos levaria muito longe e até acho escusado. Basta lembrar o acontecido no Porto e Daí deduzir, que, se os direitos podem ser violados sem se violar o juramento prestado, por que, agora, nas mesmas circunstâncias, o não podemos fazer?

Acaso será privilégio exclusivo dos europeus nos será preciso decorrer certo número de anos para adquirirmos esse direito? Tosinho que vos responda. Mas, no entretanto, nós que sabemos que os povos nunca se despojam desse direito essencial, abjuramos esses escrúpulos tosinicos. Que vos falta, pois, amados irmãos? Que vos impede os passos? Que vos prende a língua? Ai! Gritai comigo:

Viva a nossa santa religião!

Viva a futura Constituição Brasiliense!

Viva a D. Pedro I, Imperador Constitucional do Brasil e seu Perpétuo Defensor!

Viva a nossa santa Independência!

Vivam todos os Brasileiros honrados, briosos e intrépidos! Quartel de Piracuruca, 22 de janeiro de 1823."

Leonardo de Carvalho Castelo Branco, alferes secretário da Divisão auxiliadora do Piauí. (*)

Aderiu, pois, Piracuruca, à independência, a 22 de janeiro, antes do pronunciamento da capital.

A demora de Fidié em Parnaíba deu tempo à proclamação de 24 de janeiro, por Manoel de Sousa Martins, o futuro Visconde de Parnaíba, que conseguiu a comunhão do Piauí, entre as províncias independentes do Brasil.

Impõe-se agora, o regresso do Sargento-mor.

Narra assim, o Visconde Vieira da Silva, a passagem de Fidié por Piracuruca:

“Chegando aos Iliós debaixo, e, desejando tomar a retaguarda dos independentes que haviam evacuado Piracuruca, mandou marchar oitenta homens de cavalaria com dois oficiais para reconhecer o terreno. No dia 10 de março encontrou-se este piquete com uns quarenta ou cinquenta independentes também montados, com os quais tiveram uma escaramuça junto ao lago Jacaré, sofrendo estes últimos alguma perda, e ficando da tropa portuguesa um soldado prisioneiro.”

Como se vê, Piracuruca foi onde primeiro se lutou pela nossa independência. A escaramuça à margem da lagoa Jacaré, foi como que o prelúdio do grande combate do Jenipapo.

(*) Apud Clodoaldo Freitas, VULTOS PIAUHYENSES

História - Vila de Piracuruca

Só em 1832 foi Piracuruca elevada à categoria de vila, ex vi do decreto da Regência de 6 de julho de 1832.

Teve lugar a instalação solene da vila à 23 de dezembro de 1833, a que, se assistiu o coronel Simplício Dias da Silva, presidente da Câmara de Parnaíba, e foram os primeiros vereadores os cidadãos Albino Borges Leal, Francisco José do Rego Castelo Branco, Vicente Pereira dos Santos, Manoel Rodrigues de Carvalho, Antônio das Mercês Santiago, Pedro de Brito Passos e Manoel da Costa Portela.

Pelo Decreto de criação da vila, foi determinado que compreenderia o seu termo os limites da mesma freguesia. (*)

Por ocasião da execução do código do processo criminal, em 1833, ficou o termo de Piracuruca fazendo parte da comarca de Parnaíba, em virtude da lei provincial nº 30 de 25 de agosto de 1836, até que foi desmembrado, para ser anexado à comarca de Campo Maior, em virtude da lei provincial nº 126 de 27 de setembro de 1841.

Passando de novo a pertencer à comarca de Parnaíba, pela lei provincial nº 268 de 16 de agosto de 1844, foi enfim elevada à categoria de comarca, em virtude da lei provincial nº 432 de 10 de julho de 1837, reunidamente com o termo de Pedro II, o qual foi desanexado pela lei provincial nº 892 de 15 de junho de 1875, sendo porém, em virtude desta mesma lei, anexado à comarca de Piracuruca o termo de Batalha, que para tal fim foi desmembrado da comarca das Barras, dando-se-lhe por limites os mesmos da freguesia.

A lei provincial nº 404 de 31 de dezembro de 1855, ficaram pertencendo à freguesia de Piracuruca todas as situações da freguesia do Matões, que pertenciam ao lugar Canto, assim como parte da fazenda Luz de Cima; e pela lei nº 548 de 20 de julho de 1864, perdeu a fazenda Brejinho, que passou a pertencer ao termo da Batalha.

Pelo § 3º do art. 4º da lei provincial nº 695 de 16 de agosto de 1870, foram desmembrados os sítios, fazendas e lugares – Anajá, Satisfeito, Cocal, Brejinho, Caiçara e Barras, para o termo de Batalha; e pela lei nº 702 do mesmo mês e ano, foram desmembradas para o mesmo termo da Batalha, as fazendas – Barra e Vitória de Cima.

A lei provincial nº 894 de 15 de junho de 1875, estabeleceu a linha divisória das freguesias de Piracuruca, Parnaíba e Buriti dos Lopes pelas oradas e fazendas seguintes: - Beleza, à margem do rio Longá, Riacho, Olho d'água de Fora, Valentim, Rosário, Campinas, Canas, Sanharó, Santa Bárbara, Contendas, Jenipapo e Belém, ficando as referidas moradas e fazendas, pertencendo à freguesia de Piripiri, pelas fazendas e moradas seguintes: Angico Branco, Alagoa do Piripiri, Palmeira, Desterro, Salitro, Alto Bonito e Cajueiro à margem do rio Matos, ficando os referidos lugares pertencendo à freguesia de Piracuruca.

A lei provincial de 13 de junho de 1877, dispôs o seguinte: As fazendas e moradas – Vassouras, Alagoinhas, Tapera, Almas, Alagoa da Faveira e Várzea de S. Jerônimo, compreendidas nas freguesias da Parnaíba e Buriti dos Lopes, ficando pertencendo à de Piracuruca, alterados nesta parte os respectivos limites; assim como as fazendas e lugares denominados – Mocambos, Sítio, Grau, Hiús de Baixo e Lembrada, situados à margem do rio dos Matos e compreendidos na freguesia de Piripiri, ficam igualmente pertencendo à freguesia de Piracuruca, alterados também nesta parte os respectivos limites, (Pereira da Costa, Notícia sobre as comarcas do Piauí). (**)

(*) São ignorados os primitivos limites da freguesia

(**) Atualmente é sede de comarca de 1ª instância, e compreende o distrito judiciário de Batalha.

História - Revolução dos Balaios - Influências Gerais

Abandonando D. Pedro I a coroa do Brasil, em consequência de revolução triunfante do exército indisciplinado, até 1834, foram presumível (*) o perigo da restauração, idéia que ia até essa data congregando os grupos vários em derredor do governo. Afastada a hipótese, os partidos, se é que merecem este nome, pois eram, antes, grupos, facções, que, desnorteadas, sem ideal, seguiam as pegadas de homens que não tinham, no dizer de Rocha Pombo, idéias. As duas grandes correntes partidárias - partido conservador e liberal - só em 1837, vieram surgir, ou, pelo menos, tiveram a sua bandeira, - a sua rota ou programa.

Desinvestido das funções magestáticas o primeiro imperador do Brasil, foi governado o país na menoridade da D. Pedro de Alcântara pelas quatro regências: Regência Trina provisória (8 de abril de 1831 a 18 de junho do mesmo ano) composta do brigadeiro Francisco de Lima e Silva, José Joaquim Carneiro de Campos e Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro; Regência Trinta Permanente (18 de junho de 1831 a 13 de outubro de 1835) composta do Brigadeiro Francisco de Lima e Silva e dos deputados José da Costa Carvalho e João Bráulio Muniz; Regência de Diogo Feijó (12 de outubro de 1835 a 19 de setembro de 1837); Regência de Araújo Lima (19 de setembro de 1837 a 23 de julho de 1840).

Em todo o período regencial que abrangeu cerca de dois lustros, a anarquia se alastrou em todo o Brasil, quase, contaminando-o o vírus revolucionário. A paz reinante por momentos, era toda aparente, desde a corte às rudes províncias do vasto império. As revoltas nas províncias, diz Euclides da Cunha (**) desatavam-se em datas, vinculadas em série: no Ceará (1832-1835), Em Pernambuco (1832-1835), no Pará (1835-1837), na Bahia (1836-1841), no Maranhão (1838 - 1841) e abrangendo-as, somando-as, a longa agitação no Rio Grande do (1835-1841).

Debelada a primeira Regência Trinta, as duas seguintes depararia adversário mais tenaz.

Refere-se Euclides da Cunha ao Padre Diogo Antônio Feijó, que, eleito regente, se empossara da administração do Império a 12 de outubro de 1835.

Os primeiros dias de governo viu Feijó passar em ininterrompida bonança, afagado das adesões que soem receber os que galgam o fastígio do poder. Impusera-se o valente padre à admiração nacional, desde que ocupara a posta da justiça na Regência Permanente. Para comprovar o valor de Diogo Feijó basta lembrar o restabelecimento da ordem, nesta fase regencial, profundamente abalada dos levantes dos corpos de linha criando com o fim de reintegrar o exército em suas legítimas funções, a guarda Nacional. E, efetivamente, era do exército, sem disciplina, que partiam as revoltas.

Homem de ação, já credor de grandes serviços ao império, o novo regente parecia mudado. (***).

Verdadeiro homem de governo, legítimo estadista, no entanto, é o que infelizmente não era Feijó. Para isto faltava-lhe o espírito sereno do vidente, a ampla visão dos que descortinam longe na história, e até a arte sublime e miraculosa dos que sabem conciliar e atrair os homens. (****).

Na regência do império, agora passados os primeiros instantes, quando o governo vai iniciar sua política construtora, começam a surgir os descontentes, tecendo em torno de Feijó uma teia de intrigas vis, já pelo anonimato, já pela imprensa, pretendendo afastar da administração, figuras veneradas que vinham prestando o seu apoio ao Regente. Feijó.

Porém cuidava da administração, estudava os meios de remover as constantes sublevações no interior do país, combatendo-as, mas lhe procurando também as causas, - e não deu em começo, ouvidos à farandolagem, que gritava em torno do chefe do governo.

Efetivamente, compreendendo Feijó que em parte eram elas devidas às nossa "amplitude e impenetrabilidade continental". (****) tratou logo, na primeira lei que promulgou, de 31 de outubro de 1835, da construção de uma estrada de ferro, partindo do Rio de Janeiro às províncias de Minas e S. Paulo (****). Não conseguiu, porém, objetivar tão bela idéia. "A grande homem ficou, porém, a gloria de haver adivinhado esse antagonismo formidável do deserto e das distâncias que ainda hoje tanto impede o pleno desdobramento da vida nacional" (*****).

Outros fatos absorviam o chefe de governo: as lutas nas províncias, especialmente a do Rio Grande capitaneada por Bento Gonçalves e o grande paladino da libertação italiana. - Garibaldi, - a morte de D. Pedro, - única esperança dos reacionários, a situação financeira do país, as duas partidárias refletidas no seio do parlamento. Etc. os últimos foram sobretudo, a causa apressadora da paisagem de Feijó no governo. A exaltação chegou no auge, quando da abertura da assembléia geral, a 3 de maio de 1836. Nos primeiros dias as esperanças fizeram demorar o rompimento, que se não fez esperar, perdidas aquelas. Dentre os adversários do Regente, eram as figuras de maior relevo: Bernardo

Vasconcelos, Araújo Lima e Rodrigues Torres, como da defesa de governo, Limpo de Abreu e Evaristo da Veiga. A fala do trono suscitava discussões várias, inclusive a questão religiosa, originada da circunstância da Santa Sé não aceitar a indicação do bispo eleito do Rio de Janeiro. Toda a sessão se escoou em estéreos debates, e, quando já para os seus fins o governo se surpreende com o avolumar da guerra do sul e a revolução paraense, o mal-estar era tamanho, no seio da câmara da nação, que a sessão se encerra com apenas 33 representantes. As seguintes sessões foram uma completa anarquia e jamais se reconciliaram o governo e a câmara, até que a 18 de setembro de 1837. Diogo Feijó nomeia ministro do império seu maior adversário político, Pedro de Araújo Lima - chefe do partido oposicionista, e, no dia seguinte passou-lhe o exercício de Regente, renunciando, portanto, "ultimando-se a missão histórica do partido moderado".

Os primeiros atos do novo Regente, foram a reação contra os atos e práticas de Feijó - mal de todos os governos do Brasil - desfazer a obra apenas esboçada, de seus antecessores.

Dos presidentes provinciais, muitos foram destituídos, e as Câmaras pressurosas, dão ao novo governo todas as medidas, necessárias à suprema administração do país, no sentido do restabelecimento da paz nas províncias convulsionadas maximé do Rio Grande do Sul e Pará.

O novo governo chegara mesmo a convencer-se de sua estabilidade e eficácia de ação, tal confiança que inspirara, tais adesões recebidas. Deixou-se iludir e repousar, tranqüilo, sobre os louros do fugaz triunfo conquistado, até que o vendaval o vem despertar, desencadeando-se em quase todos os pontos do Brasil, a revolução fora um estímulo para a anarquia alçar o colo. Se na primeira fase da regência o governo viu anarquizado o Ceará pelo restaurador pinto Madeira, que encheu de sustos e terror a província, que afinal foi pacificada, bem como Pernambuco - agitado durante quatro anos na revolta dos Cabanos, o Pará cerca de cinco anos, entregue à sedição e só pacificado em 1836 pelo brigadeiro Soares Andréia Lima, no governo, teve que assistir à debacle revolucionária na Bahia, Maranhão, Piauí, São Paulo, Rio Grande do Norte, Paraíba, Goiás e Mato Grosso.

A revolução completava assim o seu ciclo de ação, ameaçando fracionar o império, alastrando-se em quase todas as províncias, subvertendo a ordem pública, na ânsia destruidora das grandes hecatombes sociais.

As causas? Múltiplas, e variavam de província em província e porque, segundo o plano que demos a este modesto estudo, não comporte, aqui, apontá-las, nem mesmo quanto a revolução de Bento Gonçalves - a maior, mais longa e mais importante de todas, trataremos, apenas, minuciosamente, da sedição maranhense denominada da Balaiada e em especial da repercussão da mesma no Piauí, e, particularmente, em Piracuruca. Continuemos. O regente, que delineara seu programa de governo, foi obrigado a volver-se para as províncias conflagradas, notadamente o Rio Grande do Sul e Maranhão, sendo que para esta última, teve que desviar forças destinadas àquela.

Por outro lado, na Câmara e senado, a agitação política era assustadora em 1839 (*****) nem mesmo comparecendo às sessões nenhum membro do governo à primeira, dizendo Antônio Carlos (*****) que os ministros são como sombras..."falando sobre o parecer do Senado a propósito de medidas de salvação pública. O estado do Brasil se me apresenta hoje tão medonho, o estado de meu país se me antolha tão lúgubre, qual pintou a inimitável pena de Tácito a noite que precedeu a morte de Galba e a usurpação de Othon. Tudo é de assustar: tudo faz tremer; e no entanto, o governo não aparece, não há piloto ao leme da nau do estado... e a nau garra e a tempestade brame... (*****)

Foi, afinal rejeitado o projeto do Senado.

Há muito se não falava em a maioria do Sr. D. Pedro II, idéia que recomeçou a preocupar a todos os espíritos.

Fora mesmo criado o Club da Maioridade. A idéia foi ganhando terreno no seio da representação nacional e dominou a opinião pública. Entretanto dentre os deputados maioristas não há uniformidade e opinião, querendo uns, a declaração da maioria, imediatamente, por meio de uma reforma constitucional, outros. Tal a agitação na Câmara que Antônio Carlos, na sessão de 12 de junho (1840) já pusera a votos o projeto que declarava maior o imperador, quando chega à Câmara a comunicação de haver sido nomeado o senador Bernardo Pereira Vasconcelos ministro do Império e a do adiamento da Assembléia Geral para 20 de novembro do referido ano. Em verdade, Araújo Lima, pretendia passar a Regência a Bernardo Vasconcelos, plano que não vingou.

Lido o ofício, estabeleceu-se indescritível confusão e anarquia, que eram bem o reflexo da ansiedade geral que dominava a nação inteira, traduzida em todos os pontos e, agora em excesso, no seio da representação nacional e entre os vultos de maior responsabilidade no país.

Debate o presidente daquela casa do Congresso chama os Representantes à ordem. A gritaria ensurdecadora, jamais atende, unindo-se os protestos das galerias aos dos representantes da nação. Falam, verberando o ato do governo, Álvares Machado, Antônio Carlos e Martim Francisco.

Antônio Carlos brada em alta vozes: "Declaro que não reconheço legal este ato do governo: O Regente é um usurpador desde o dia 11 de março... é um traidor... é um infame o atual ministério... Quero que estas palavras fiquem gravadas como um protesto".

Martim Francisco: "Quando a Câmara discutia um projeto relativo ao imperador, é nesta ocasião que o governo toma a medida de adiar as nossas sessões... e por que? Está claro, é porque não quer o monarca, no trono... E se não quer, a quem fica entregue o governo? A seu maior inimigo e a Câmara é o assassino da Família Imperial se em tal consente..."

Cunha Azevedo: "É um governo só igual a si... é tão indigno como ele mesmo... e ainda mais indigno do que tudo quanto há de mais indigno sobre a terra... "Rego Monteiro: "O ato que se acaba de ler é um ato de conspiração contra as liberdades públicas e contra o trono de Sr. D. Pedro II. Portanto, quanto o governo conspira, é lícito conspirar contra um governo conspirador e monstro". Conselho Bastos: "O governo conspira contra o monarca; os amigos do monarca que o coloquem no trono!". Antônio Carlos: "Quem é patriota e brasileiro siga comigo para o Senado! Abandonemos a Câmara prostituída!" (*****)

No mesmo dia o imperador consente em assumir a responsabilidade do governo.

Essa, em ligeiro aperçu, a situação geral do Brasil, quando no Maranhão e Piauí, campeava, desenfreada, a revolução a Balaiada.

Obedeceria, porventura, em seus delineamentos gerais, ao espírito de revolta que ameaçava todo o país?

Por certo.

Os acontecimentos históricos se coordenam, ligam-se, dependem de um período de formação ou desenvolvimento, preparando os espíritos tangidos que são, os povos, nos momentos supremos da história, pelo sentimento.

As revoluções que se deram no Brasil, no período regencial, tiveram, todas, entre si, causas diferentes, pretendendo-as, ligando-as, o espírito de anarquia que era o traço ou afinidade geral de todas.

Não refreadas em seu início pelo poder central, encontram em toda parte, adeptos. Daí, o incremento assombroso que tomaram.

Em todas as províncias havia elementos inclinados ou predispostos à dar expansão a seus instintos, falando-lhes, apenas, oportunidade. O espírito revolucionário, disseminando-se em todas elas naquele momento histórico nacional, proporcionou a ocasião de insurreição, inibido que estava o poder central, de uma repressão eficaz.

"En temps normal, les révoltés que chaque société renferme sont contenus par les lois, le milieu, em um mot par toutes les contraintes sociales et restent sans influence. Dès que se manifestent des périodes de troubles, ces contraintes aiblissent et les révoltés peuvent donner libre cours à leurs instincts. Ils deviennent alors les meneurs affilés des mouvements.

Peu leur importe de le motif de la révolution, ils se feront teur indifféremment pour obtenir le drapeau rouge, le drapeau blanc ou la libération de pays dont ils ont entendu vaguement parler.

Pendant les révolutions, rien ne les maintient plus, ils peuvent exercer facilement leurs instincts de meurtre entendu vaguement parler.

Pendant les révolutions, rien ne les maintient plus, ils peuvent exercer facilement leurs instincts de meurtre et de pillage. Dans cette lie les révolutionnaires de tous les âges sont sur de trouver des soldats.

Avides seulement de piller et de massacrer, peu leur importe la cause qu'ils sont plus nombreuses dans le parti combattu, ils changeront très vite de drapeau.

A ces criminels proprement dite, plaie incurable de toutes les sociétés, on doit joindre encore la catégorie des demi-criminels malfaiteurs d'occasion, ils ne sont jamais en révolte quand la crainte de l'ordre établi les maintient, mais s'inscriront dans des bandes révolutionnaires dès que cet ordre faiblira.

Ces deux catégories; criminels habituels et criminels d'occasion, forment une armée de désordre apte seulement au désordre".

Foi, sem dúvida, esse o caráter predominante em quase todas as revoluções, na Regência, especialmente na Balaiada, presa às outras, como que pela mão da fatalidade.

(*) Rocha Pombo, H. do Brasil, vol. 8.

(**) À "Margem da História" pág. 329.

(***) Euclides da Cunha op. cit. pág. 320.

(****) Rocha Pombo. Op. Cit. Vol. 8, pág. 392.

(*****) Euclides da cunha, op. cit. pág. 322.

(*****) Ibidem.

(*****) Ibidem.

(*****) Rocha Pombo, op. cit. pág. 539, vol. 0

(*****) Pereira da Silva "História da Fundação do Império do Brasil", apud Rocha Pombo, op. Cit., pág. 539

(*****) Pereira da Silva, apud, Rocha Pombo, op. cit, pág. 539.

(*****) "Annaes da Câmara". De 1840, 11. Págs. 350, 352.

História - Revolução dos Balaios - Causas Locais

Originada no Maranhão, a Balaiada, não podemos, mesmo sumariamente, deixar de apontar-lhe as causas prováveis, ali.

O eminente professor Antônio Batista Barbosa de Godois em sua "História do Maranhão" diz:

"Fruto de uma complexidade de fatores que com a ação desigual no tempo da sua colaboração, contribuíram para que uma desordem facilmente refrável no começo tomasse avigoramento excepcional, ao ponto de dominar grande parte do Maranhão, a revolução da Balaiada foi um tumulto que se transformou em sedição, e, pelos elementos de que se viu de posse pretende e poderia mesmo, se fosse ainda mais audaz, apossar-se do governo da antiga província".

"Vinha de longe a exaltação dos ânimos no Maranhão e, pela intensidade e duração, havia formado na sociedade maranhense uma atmosfera moral irritadiça que da esfera mais alta se foi espalhando em torno das camadas inferiores".

"A época da regência turbulenta em toda parte foi um dos períodos de mais exaltação no Maranhão, contribuindo a atitude dos Presidentes, pela sua maior parte, ineptos e energúmenos políticos."

Era um tempo em que ela influência do meio, a revolução como que estava em todas as almas.

O Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, em sua monografia "A Revolução da Província do Maranhão" desde 1839 a 1840 diz que o movimento revolucionário, que por alguns anos pôs em sobressalto aquela província, tinha raízes profundas em o partido denominado "Bemtivi", naquele momento histórico em antagonismo ao governo local. Em outros termos, a "Balaiada" no entender de Gonçalves de Magalhães, seria o resultado de um plano político.

Diz Magalhães:

"que não oculta dirigia este drama, não se pode duvidar. Era Raymundo Gomes incapaz de tomar por si uma tal resolução posto que por seus hábitos muito próprio para executá-la. Nascido no Piauí, e filho dessa cruz de índios e negros de que tratamos, criado no campo que pastoreava, prestando a sua faca às vinganças próprias e alheias, leigo nas letras humanas, apenas conhecido por alguns assassinatos de que impunemente viva, manchado pela perversidade dos costumes que relatamos, e ineficácia das leis, não se arrojaria a perturbar a tranqüilidade pública por motivos políticos sem estranho impulso; e quando ousasse, abortaria a sua audácia a não encontrar o decidido apoio que incontestavelmente lhe foi dado.

Instrumento estúpido de um cego partido que cuidou poder, quando lhe aprouvesse fechar o dique da cólera popular. Raimundo Gomes, o vaqueiro assassino, converteu-se em chefe do partido "Bemtivi"; e os que o levaram do pó da terra, se envergonharam de sua obra.

Outra corrente filia a revolução a princípio mais elevado, de uma evolução mais ou menos lenta até o rebentar dos acontecimentos a esta corrente pertence o Sr. Professor Ribeiro do Amaral, o historiador da revolução maranhense, em sua bem documentada obra "Apontamentos para a história da Revolução da Balaiada na província do Maranhão".

Ribeiro do Amaral faz remontar as causas da Balaiada, a imprevidência e erros acumulados durante as presidências de Francisco Ribiano de Castro e Vicente Pires de Figueiredo Camargo. Entre os erros a que se refere Amaral, está o da célebre lei dos prefeitos, autoridades arbitrárias, que enfechavam nas mãos múltiplas atribuições, postas em jogo sempre que a politicagem da aldeia o exigia. (*).

Porque fizesse viva crítica à lei as prefeituras, - que não dera resultado em S. Paulo, pelo órgão "Crônica Maranhense", João Francisco Lisboa - o grande historiador maranhense - foi, então acusado de ateador da chama revolucionária. Assim, os jornais encarregados da defesa do governo procuraram "macular a Lisboa, dizendo terem-se visto cargas suas nas quais animava os rebeldes, mas recuavam sempre que se lhes exigia a publicação ou exibição das mesmas".

Lisboa se defendeu vigorosamente pela imprensa de semelhante increpção.

Ribeiro do Amaral, na obra a que nos temos referido defendeu à Siedade o brilhante escritor maranhense, da acusação injusta e desleal de fazer causa comum com os rebeldes.

A luta partidária em S. Luiz tomou extraordinária proporções. A província, então, que se contaminara de movimentos sediciosos aqui e ali, passou alguns anos em perfeita tranqüilidade, quando, inesperadamente, surgiu a rebelião.

Essas as causas que se apontam da "Balaiada" no Maranhão.

Vejamos, agora, as causas de ordem local, da revolução, no Piauí.

Gustave le Bomem o seu recente livro "Psychologie des revolutions" diz:

"L'âge moderne n'est pas seulement une époque de découvertes, mais aussi de révision des divers éléments de la connaissance. Après avoir reconnu qu'il n'existait aucun phénomène dont la raison première fût maintenant accessible, la science a repris l'examen de ses anciennes certitudes et constant; e leur fragilité. Elle voit aujourd'hui ses vieux principes s'évanouir tour à tour. La mécanique perd ses axiomes, la matière, jadis substratum éternel des mondes, devient un simple agrégat de forces éphémères transitoirement condensés.

Malgré son conjectural qui la soustrait un peu aux critiques trop sévères l'historique n'a pas échappé à cette révision universelle. Il n'est plus un seul de ses phases dont on puisse dire qu'elle soit définitivement connue. Ce qui paraissait définitivement acquis, est remis en question".

"Abram-se os livros históricos, que possuímos, diz Félix Pacheco, e, página por página analisando-os, chegaremos à conclusão tristíssima, mas infelizmente inconcussa e real, de que lhes falta e intuição, o método, o espírito filosófico e o senso crítico indispensáveis". (**)

Assim a história do Brasil, pela iniciativa do que possui ele de mais culto nas letras históricas, tem sofrido sensíveis revisões, impostas mesmo por necessidades inadiáveis como a de que fala o ilustrado membro da academia e do Instituto Histórico Brasileiro.

Relativamente ao Piauí, tivemos ocasião de dizerem artigos na imprensa local, que desde o seu descobrimento e fase colonial as lutas separatistas e freqüentes, abrangendo a adesão à revolução de 1824, a Balaiada, etc, há muitas lacunas a preencher, omissões injustas que reparar, reivindicações que fazer.

As causas da Balaiada, no Piauí, têm sido por todos os historiadores pátrios que a ela se referem, desde Rocha Pombo, atribuída à administração de Manoel de Souza Martins ou o Visconde da Parnaíba, título por que é mais conhecido na história.

É um erro que precisa ser corrigido.

Partiu ele de José Martins Pereira de Alencastre e autor da "Memória Cronológica e corográfica da província do Piauí". Que além deste trabalho sobre a antiga província publicou umas "Notas diárias" nas Revistas do Instituto Histórico Brasileiro (***) sobre a Balaiada no Piauí e Ceará, estampando as seguintes linhas que todos os historiadores registram:

"Não é simplesmente a febre revolucionária que se apodera dos espíritos dos habitantes do Piauí: a fatal e insólita administração do barão da Parnaíba trazia a Província de há muitos anos debaixo de mais horrível pressão. O momento era o mais azado para uma manifestação: era infalível o seu aparecimento como um protesto solene contra a iniquidade de uma ditadura selvagem, que por tão longos anos conservou essa porção do território brasileiro fora da comunhão das leis, e dos gozos constitucionais.

Justiça seja feita a muitos, que no Piauí foram encontrados na luta empunhando as armas da rebelião: eles não queria o assassinato e o roubo, desejavam entrar na posse de uma herança sagrada: - a Constituição - que com tanta iniquidade lhes era seqüestrada". (****)

Para se provar o desvalor dessa afirmação de Alencastre basta considerar que a pilhagem feita munn militari por onde passavam os rebeldes, e praticada por estes, o autor das "Notas" diz que não era um roubo: os assassinatos cometidos em geral sem a menor resistência das vítimas inermes, não eram, também apanágio dos facciosos.

Assim, segundo Martins d'Alencastre, a causa da Balaiada no Piauí, afora o espírito revolucionário da época, a que acertadamente denominou ele "febre revolucionária", como influência local nada havia além do influxo pessoal do Barão da Parnaíba, nos negócios públicos, presidente que era, da província.

Nada mais incongruente, ou melhor, nada mais desprovido de senso histórico.

Não fazemos panegírico do Visconde da Parnaíba; em cuja administração se encontram, por certo, erros e graves.

Presidente do Piauí desde os momentos mais difíceis da sua história, sustentando a campanha da independência a rebelião de 1839, encarou esta com verdadeiro descortino e não foi, em absoluto, a causa do incursão do espírito revolucionário na província.

Outras foram as causas da invasão dos Balaios no território piauiense.

A primordial é a própria situação geográfica do Piauí. Separado do foco revolucionário apenas pelo rio Parnaíba, tornou-se o Piauí, o homizio dos balaios perseguidos no Maranhão. Tudo contribuía para o desenvolvimento da sedição aquém Parnaíba: sertões imensos, sem comunicação com os restritos centros populosos, falta absoluta de instrução popular, religião nenhuma, questões territoriais oriundas desde os primitivos tempos da colônia, etc.

Outra circunstância também altamente influidora do desenvolvimento do espírito revolucionário n Piauí, foram os recrutamentos constantemente efetuados em obediência a insistentes pedidos do Ministro da Guerra. Por eles, viram os descontentes e os inclinados à anarquia, a agitação formidável que dominava no Brasil. Por outro lado tais recrutamentos serviam de pretextos para despertar rixas contra os prepostos do presidente da província, encarregados de organizar aqui e ali grupos que deviam partir para o sul.

Em um meio de população densa, referidos recrutamentos far-se-iam despercebidamente, sem, talvez, ferir tantos interesses.

Onde, pois, a responsabilidade do Visconde da Parnaíba em ordenar recrutamentos solicitados pelo poder central?

E o próprio presidente reconheceu ser esta a principal causa do ascendente tomado pelos revoltosos.

Destaco o seguinte período do ofício inédito que o Visconde enviou ao presidente da Bahia a 31 de outubro de 1839:

Posso mais asseverar a V.Exa. que nenhum tom político tem esta infernal revolta; a rapina acompanhado do assassino, é só o fim desta canalha, assoalhando aos inocentes e do mesmo jaez, que o governo do Brasil tem contrato com os de outras nações a venda de milhões de brasileiros de cor, dando como prova desta asserção o recrutamento que se embarca para o sul, eles acreditam de pronto em suas descolas palavras, e, furiosos correm as armas, e sem que a nada atendam levam tudo a ferro e a fogo" (*****)

Fins políticos? Não foi este o móvel dos revoltosos, no Piauí. Não havia, ainda, partidos, discriminados em 1839. Demais, e que houvesse, basta um ligeiro exame sobre a individualidade moral e intelectual dos mentores ou guias revolucionários para se repelir, logo a hipótese de um ideal político.

Luta inglória, sem móvel nenhum superior, os balaios, no Piauí, cometeram todas as depredações, todos os crimes em que eram aceitos seus supremos chefes: - Raimundo Gomes. Pedregulho e tantos outros.

O que os revoltosos denominaram fins políticos foi a reação latente e sempre eficaz que os menores exerceram no meio da massa popular, incentivando-a contra o recrutamento, como dissemos linhas acima.

Preparados os espíritos, levantou-se o povo sob aquele pretexto, e, daí, se entregou aos excessos, ao roubo, ao assassinio.

"Entre as repetidas jaquérias sertanejas, diz Gustavo Barroso (*****) a dos balaios é um tipo clássico. Todas começam pela reação contra medidas políticas ou administrativas, a imposição de novos sistemas, de nova lei eleitoral, de novo imposto.

O bandido sertanejo é muitas vezes um produto do espírito de oposição a que faltam outros meios de revide e polêmica, que não a luta armada.

Armam-se alguns homens para resistir a uma imposição, a eles se agregam cangaceiros desejosos de tirar partido da anarquia que não fomentam.

Todas as queixas de casta, de família, de interesses prejudicados, fermentam, aproveitam a ocasião de vindita e reivindicação que se oferece. Os descontentes de toda espécie se achegam. Os nervosados se exaltam. Os sacomardos põem as garras de fora. Começa a alastrar-se o Movimento e a desaparecerem os motivos primeiros, surgindo ambições, cupidez de roubar, ódio dos mestiços aos que são brancos, amarelos, como chamam, necessidades vingativas.

"Foi o que se deu no Piauí. Pretextaram-se recrutamentos e vexames outros infligidos pelos prepostos do governo, agitaram-se os descontentes e pegaram em armas. Armados, tímidos, vitoriosos, tornaram-se assassinos, entregaram-se ao roubo.

E foi precisamente por isso que no Piauí indivíduos de destaque se aliaram aos facciosos, abandonando-os, depois.

Onde o móvel superior de que fala Alencastre? Nenhum.

É uma controvérsia dos fatos da história piauiense, que reclama uma revisão.

Começam os revoltosos suas primeiras investidas no município de Parnaíba, tentando penetrar na Tutoia, e, perseguidos, ganham a Barra do Longá, e, finalmente, retornam ao Maranhão. Não esqueciam porém, a Vila de Parnaíba, e, na impossibilidade de atacá-la, dirigem-se a Frecheiras onde se travam vários e indecisos combates.

Piracuruca já ora conhecida de um dos chefes rebeldes, - Antônio José da Cunha Lima Pedregulho - e, por isso, e ainda abundantes os campos do município em fazendas de criar, era excelente presa dos rebeldes que a tiveram em constantes sobressaltos.

Pedregulho, o terrível chefe balaio "em razão de se ter evadido da vila afim de não ser preso, como emissário daqueles rebeldes, não mais a perdeu de vista (*****).

Lima Pedregulho, que se achava no município de Parnaíba, se passa para o de Piracuruca e, até mesmo, à vila, para conseguir da população as simpatias ao movimento subversivo.

Fora infeliz, porque as autoridades locais e pessoas gradas o repeliram, tentando mesmo aprisioná-lo. Despertou, porém sua curta estadia no município, a idéia em muitos de se bandearem aos rebeldes. E, para isso, não faltavam oportunidades, pretextos, aos que se achavam inclinados aos bandoleiros.

Os recrutamentos foram, certamente, disse o Visconde de Parnaíba, a causa concorrente dos freqüentes levantes. E, em Piracuruca, foi necessária a suspensão dos recrutamentos como um meio dos propensos à anarquia, não se animarem a pegar em armas contra a legalidade.

Foi o que fez o sub-prefeito José Rodrigues de Miranda que, notando a tendência de muitos no município e vila de Piracuruca de passarem para os rebeldes, oficiou ao presidente da província (*****) comunicando referida suspensão.

Os rebeldes do Maranhão, diz o sub-prefeito, se achavam no Brejo, com mais de dois mil homens, para atacar Parnaíba, à espera de outro chefe, com outros mil, em virtude do que logo passaram vários indivíduos a aparecerem armados, e arrogantes, de maneira que paralisei dito recrutamento, deixando-o para tempo oportuno, porque conheci o perigo uma vez que eles se passavam aos mencionados rebeldes para o que se mostraram propensos".

E não fora só o chefe Pedregulho que passara pela vila: Raimundo Gomes, o chefe supremo dos bandoleiros, atravessara ao mesmo tempo, quase, que aquele, o município, sem que a população pudesse conseguir a sua captura, à falta de recursos militares.

Custou bem cara a passagem pelo território piracuruquense do célebre bandoleiro, ao prefeito da vila, Albino Borges Leal: o presidente da província, por supô-lo responsável, baixou uma portaria repreendendo-o pela "pusilanidade e indolência".

Em julho de 1839, a situação, em Piracuruca, era delicadíssima. Havia quem aplaudisse, publicamente, o que acontecer ano Brejo, os crimes inenarráveis ali cometidos pelos inimigos da ordem, produzindo justificado receio às autoridades. Tal a situação desoladora destes, o sub-prefeito José Rodrigues de Miranda, convidou o tenente-coronel Roberto Vieira Passos para auxiliá-lo no transe difícilíssimo em que se encontrava.

Muito concorreu para a vila se não contaminar da chama revolucionária, o prefeito da Parnaíba. José Francisco de Miranda Osório, que, em Piracuruca, concitou os propensos à rebeldia, abandonarem os seus propósitos criminosos.

"Forçosos me foi vir à esta vila, diz Miranda Osório ao Presidente, (*****) cujas autoridades repetidas vezes assim me pediram afim de ver se com a minha presença este povo se continha na ordem, suspendendo-lhe a marcha desenfreada, com que caminhavam para, a desordem, e pelo que esta vila estava prestes a sucumbir. Cheguei no dia 7, e no dia seguinte, apareci à gente reunida. Exortei-os como pude, lembrei-lhes os seus deveres e pedi que convidassem aos seus parentes e amigos a virem reunir-se às fileiras da legalidade, porque ainda era tempo de obterem perdão de suas faltas para o que se não olharia. Este meio não tem sido improficuo pois que contando-se apenas naquele dia umas 60 praças, hoje monta a mais de 140, além de algumas pessoas do município, até então indiferentes o as negócios públicos, entre toda esta gente, porém, só se contam 40 armados".

Salva a vila, do contágio da rebelião, pelo destemido Miranda Osório, prefeito de Parnaíba, um dos chefes do movimento republicano de 1824 no Piauí, - por alguns dias, Piracuruca permaneceu tranqüila, preocupada a população tão somente na vigilância pelas estradas, pondo piquetes aqui e ali. Durou, porém, pouco esta clama aparente.

Matões, (hoje cidade de Pedro II) era o homizio franco de bandoleiros. O povo os recebia, sempre, com agrado, de tal modo que, perseguidos em pontos quaisquer, ali se refugiavam.

E nem por isso deixou de ser presa dos bandoleiros, a povoação de Matões. A 8 de setembro, 56 rebeldes penetraram ali assassinaram o alferes Comandante do destacamento e uma das principais figuras da terra, além de 6 soldados e feriram gravemente o juiz de paz Zacarias Pereira. Vai além a audácia e crime dos rebeldes: queimam diversas casas. Conseguem ali muitas adesões, reúnem-se 48 indivíduos que se alistaram nas fileiras revoltosas em Viçosa e marcham sobre Piracuruca. Antes de penetrarem na vila, porém, sabem que a 16 do mesmo mês, chegara, ali, reforço solicitado pelo prefeito Albino Borges leal ao Capitão Pedro Paulo, vindo entre outros o tenente José da Costa Portela, o Alferes Benício Ferreira de Sampaio, 20 guardas nacionais, o sargento da 1ª linha Antônio da Silva Moreira e 23 praças. Chegando à Parnaíba.

A notícia do iminente ataque à vila, o prefeito José Francisco de Miranda Osório envia também forte contingente: Major Joaquim Ribeiro, Tenente Antônio Pires Ferreira, Alferes da 1ª Linha Braga e 60 praças.

De tudo, tiveram minuciosos informes os balaios, pelo que se entrincheiram 8 léguas distantes da vila, na fazenda "Bebedouro".

Marcha, então, de Piracuruca, a tropa, ao encontro dos revoltosos, no dia 18 do referido mês, composta de 170 homens, à qual se reúne depois um reforço que o prefeito havia pouco enviara.

Os rebeldes são sitiados no dia 20 às 6 horas da manhã, sofrem todas as privações, rompendo logo o fogo que durou, vivíssimo, até 5 ½ da tarde, quando se suspendeu o combate. No dia seguinte, 21 de setembro entregam-se às foras legais ficando mortos em campo, 15, e conduzidos pelo comandante da tropa Major Joaquim Ribeiro, 205, além de dois escravos.

A saída da tropa para o "Bebedouro", quase toda a população da vila ficou em armas, reunida sempre pelo constante toque de rebates dos sinos da Matriz de N.S. do Carmo, cujo vigário Padre José Monteiro de Sá Palácio ao lado do povo e de armas em mãos, concitou o à maior união de vistas na defesa da terra, contra os bandoleiros. (*****) Outras pessoas gradas se encarregaram também da defesa da vila, sendo justos destacar o juiz municipal, Capitão Onofre José de Mello, que há muito abandonara as funções do seu cargo para pegar em armas.

Mal chegam os 205 prisioneiros, são conduzidos a Parnaíba, escoltados sob o comando do Major Joaquim Ribeiro.

Das forças legais apenas duas praças foram feridas. Por pouco, foram um desastre para a legalidade, o combate de 20 de setembro, porque marchava sobre a vila para se reunir aos rebeldes grande número de revoltosos da Serra Grande, que, sabendo do fracasso fogem espavoridos.

A notícia da derrota dos revoltosos causou intenso regozijo ao Governo da Província, que comunicou logo ao ministro do Império e ao presidente da Bahia a nova do desastre dos rebeldes, assinalando como a maior vitória alcançada até então (*****)

Dos documentos que tenho sob as vistas, consta que alguns rebeldes aprisionados no "Bebedouro" foram postos em liberdade pelo comandante Major Joaquim Ribeiro, o que foi comunicado ao presidente da província.

A 15 de novembro de 1839, assumiu com as formalidades do estilo, o comando militar da vila de Piracuruca, o Tenente Coronel Roberto Vieira Passos, que fez a seguinte proclamação aos "HABITANTES DE PIRACURUCA! o bom conceito que me merecestes no decurso de mais de 12 anos, deu motivo a que continuamente eu afiançasse a vossa conduta perante O Exmo. Sr. Presidente, que conhecendo por isso, a ascendência que eu devia ter em vossas pessoas, se dignou nomear-me comandante militar deste município, para, de acordo com o Sr. Prefeito, conciliar a disciplina e subordinação na tropa, mantendo a ordem, proceder contra os rebeldes, promovendo em bem da vossa tranqüilidade: e querendo dar eu mais uma prova do quanto me mereceis, não hesitei em aceitar o comando que me foi confiado, eu confio em vós, detestareis o vertiginoso sistema que contra as leis divinas e humanas adotarem aqueles rebeldes, que, como, brasileiros degenerados, não merecem mais as nossas atenções, para exemplo vosso bem recente está quanto presenciastes no dia 21 de setembro, nesta vila, dia memorável da nossa história, cuja feliz ação aquebrantou a fúria dos nossos inimigos a ponto de muitos se terem passado a reunirem-se em nossas fileiras onde se conservam sem castigo. Meus caros patrícios! Se não fordes feliz a culpa será vossa, porque nas vossas mãos está conseguirdes a vossa fortuna. Camaradas de 1ª e 2ª Linha e demais classes tomai por vosso timbre o regulamento vos ordena.

O soldado não manda, não questiona, não hesita, em uma palavra: obedece; se quiserdes ser invencíveis fazei o vosso aliar-se pelo meio da subordinação - Respeitai a igreja há muito ofendida, detestai a cera ambição, obedeci a voz do vosso chefe da província, que tão incansável tem sido, em nos defender da furiosa e sanguinolenta guerra e

com perda do que lhe é mais caro, continua com energia e prontas providências a perseguir a esses sedentos de sangue brasileiro; cumpre-nos por tudo isto alertamos aos indiferentes, instruindo. Viva a religião de nossos pais. Viva a Assembléa Legislativa. Viva o Imperador Sr. D. Pedro II. Viva o nosso Exmo. Sr. Presidente. Viva os honrados habitantes de Piracuruca que não tiveram a desgraça de pegar em armas contra a legalidade.

Eis o quadro da tropa confiada ao comando do Tenente Coronel Vieira Passos:

Diario da Força de 1.a e 2.a La. da Guarnição desta Villa										
Quartel na villa de Piracuruca, 23 de novembro de 1839		E. Mai or		OFFS		Infers		TOTAL	Observações	
		Te. Cel.	Ajudante	Capitães	Alferes	1.os Sargt.	2.os Sargt.			Soldados
Promptos		1	1			2	2	84	90	Os dois addidos são segundos sargentos do Municipio de Campo Maior, que obtiveram licença para servirem nesta guarnição. Na casa dos promptos vão os empregados que não entrando em effectivo serviço acham-se promptos a chamada geral. É incluído neste mappa 23 praças de 1.a linha a saber: 1 2º sargento, 20 soldados e 2 recrutas. Os soldados no número de licenças, tem obtido da autoridade competente, ha pouco tempo por prazo de 20 a 10 dias, a irem prevenir-se do preciso em suas casas e outros como vaqueiros a beneficio das fazendas, e darem gados para o acampamento do cap. Pedro Paulo que pede 300 bois, e mesmo para esta Guarnição.
De guarda						1	1	9	11	
Destacados	Na Parnahyba				1	2	1	40	44	
	Nos Matões				1			38	39	
	Na Batalha			1		1	1	12	15	
	Na Barra de S. F.				1		2	17	20	
Em deligencia						1		4	5	
Lic. as	Registrada									
	De fav. por 20 dias			1		1	2	68	72	
Doentes no quartel								12	12	
Faltos na revista								1	1	
Camaradas								2	2	
Presos										
Impedidos										
Estado effectivo		1	1	2		5	9	387	409	
Addidos							2		2	
Roberto Vieira Passos, Te. Cel. Commandante Militar de Piracuruca										

A nomeação de um comandante militar da vila era uma medida que se impunha, porque, Frecheiras, pouco distante de Piracuruca, se achava repleta de revoltosos que constantemente punham em sobressalto os habitantes rurais.

Assim é que para reprimir qualquer tentativa. Vieira Passos ordenou que fossem as estradas cruzadas de piquetes montados para salvar a vila de um assalto.

Por denúncia, talvez, de Vieira Passos, foi exonerado do cargo de prefeito da vila, Albino Borges Leal, sendo substituído nestas funções, enquanto durasse a revolução, pelo sub-prefeito Luiz Rodrigues de Miranda, a 22 de abril de 1840, nomeação que mereceu elogios do comando militar.

Entretanto, por maior a vigilância do chefe militar, as fronteiras do município eram sempre penetradas dos bandoleiros, quer de Frecheiras, quer de Matões onde muitas vezes autoridades os patrocinavam, quer ainda da Serra da Ibiapaba.

E o desânimo sempre avassalava o espírito da população, até que a 25 de setembro de 1840, o Comandante Militar, irritado com os "intrigantes e provocadores" solicitou do presidente da Província licença para se ir entender pessoalmente com a primeira autoridade do Piauí sobre os negócios públicos a seu cargo.

Frecheiras continuava ocupada pelo chefe rebelde Antônio de Sousa Cabral, que em fins de setembro do referido ano dirigiu longa carta ao comandante Vieira Passos propondo abandonar as armas e abraçar a causa da legalidade, visto como, diz ele, já foi aclamado e tomou conta do governo do País o Sr. D. Pedro II.

Vieira Passos e o Padre Sá Palácio, a quem também escreveu Cabral, acreditaram, em princípio, na falsa resolução tomada pelo chefe rebelde e por pouco lhe caíam em mãos se antes não compreendessem o estratagema. Nas cláusulas apresentadas pelo chefe rebelde, figurava a de entrar na vila acompanhado de 40 homens armados e municiados sob promessa de se não utilizar deles.

A revolução, porém, já ia em franco declínio.

Exausta já, a província, da luta, vencendo aqui as forças legais em ligeiro assalto, ali perdendo uma improvisada trincheira, é, em meio dessa situação aflitíssima que vai nomeado a 15 de dezembro de 1839, comandante em chefe das tropas em operações de guerra, no Piauí, o Coronel José Feliciano de Moraes Cid, que dá acertados planos de ataque aos revoltosos que se começam a sentir enfraquecidos.

A 4 de janeiro de 1840 o Tenente Coronel Roberto Vieira Passos, que apartir de Piracuruca a acudir a coluna expedicionária do norte, à frente de disciplinada soldadesca, consegue derrotar os balaaios na povoação do Estanhado (hoje cidade de União).

Às constantes derrotas dos rebeldes, sucede a anistia concedida ex-vi do dec. De 21 de agosto de 1840, e em novembro do mesmo ano, começam a depor as armas.

A 16 de abril de 1841 a câmara de Piracuruca dirige ao Coronel Cid. Logo ofício congratulando-se com o chefe das forças legais por ter pacificado a província, subscrito pelos seguintes conselheiros: Padre José Monteiro de Sá Palácio, P., Leocádio Costa Meirelles, Pedro Luiz de Souza, Sebastião Ferreira Santiago, Francisco Miguel Castelo Branco, Rafael Correia de Sá, José da Costa Portela.

(*) Ribeiro do Amaral. Op. cit.

(**) "O Publicista da Regência". Pág. 14.

(***) op. cit. 1º "Primeiro Trimestre de" 187.3.

(****) OP. Cit pág. 439.

(*****) "Livro quarto dos ofícios para fora da Província. Pág. 39 v. Arquivos da Secretaria do Governo do Piauí.

(*****) Heróis e Bandidos" pág. 43.

(*****) São palavras da ata da sessão ordinária do Conselho Municipal de Piracuruca, de 20 de abril de 1844, in "Livro de ata da criação da vila de Piracuruca"

(*****) Ofício de 10 de Maio de 1839, documento pertencente ao arquivo da S. do Governo do Piauí.

(*****) Ofício datado de Piracuruca a 13 de julho de 1839, pertencente ao arquivo da S. do Governo do Piauí.

(*****) Cifr. Livro de atas do Conselho pág. 131. O Padre Sá Palácio era vigário de Piracuruca e exerceu saliente papel na Balaiada, defendendo a vila. Ocupou freqüentes vezes o cargo de vereador municipal, foi deputado provincial, deputado geral (1832-1833) visitador apostolico etc. Deixou grande fortuna e descendência.

(*****) Livro 4; de Registro de ofícios para fora da Província, e arquivo da Secretaria do Governo.

História - Partidos

Logo que se elevou à categoria de vila, Piracuruca, foi ali, o primeiro depositário do pensamento do governo, Albino Borges Leal, um dos primeiros vereadores, e, depois, prefeito. Em seguida, como se disse, foi destituído deste cargo e substituído pelo Capitão Luiz Rodrigues de Miranda, que era sub-prefeito.

Para isto muito contribuiu a influência do Coronel Roberto Vieira Passos, comandante militar da vila, que repetidas vezes dera ao presidente da Província veladas informações más, do prefeito Borges leal, no dizer daquele oficial sem a competência precisa para exercer tais funções.

Devo salientar, ainda o vulto do Padre José Monteiro de Sá Palácio, que exerceu decisiva influência na localidade e até mesmo em toda a Província.

Quanto no Piauí, se fundaram os partidos Conservador e Liberal foi chefe do primeiro, em Piracuruca, até 1875, data em que faleceu, o Coronel Pedro de Britto Passos, ocupando então a chefia o Coronel João Martiniano Fontinelle, que faleceu em 1878. O partido Conservador, passou, desta data em diante a ser chefiado pelos Coronéis Domingos e Gervásio de Britto Passos. O partido Liberal teve como primeiros chefes o tenente Francisco José do Rego Castro e Capitão Bernardo Lopes Castelo Branco; em seguida, esteve à frente da mesma corrente partidária o Tenente Coronel Francisco Antônio de Souza Xirritte, que falecendo em 1881, foi substituído na direção do partido pelo Tenente Coronel José Narciso da Rocha. O Padre Máximo Martins Ferreira, vigário da freguesia, que era Conservador, se passou para as fileiras do partido Liberal, chefiando-o com o Coronel José Narciso, até a proclamação da República, quando se dissolveram os dois grandes partidos, existentes no Brasil, desde a menoridade de D. Pedro II.

Geografia - A cidade

Vila em 1831, só a 28 de dezembro de 1889, ex-vi do dec. Nº do primeiro governador do Piauí republicano – Gregório Taumaturgo de Azevedo, - foi Piracuruca elevada à categoria de cidade.

Nenhuma das cidades piauienses, sem exagero, se avantajam à de Piracuruca, em beleza, na boa escolha do local onde se acha situada, na limpeza de suas ruas rigorosamente alinhadas e lindas praças. À margem direita do rio que lhe tem o nome, assenta a cidade em regular planície sem elevações, apresentando à entrada, vista belíssima. Cerca de meia légua se avistam as duas torres alvíssimas da igreja de N.S. do Carmo, em torno da qual se vê a casaria.

Sem contar outras, incompletas ainda, há na cidade nove praças bem regulares, algumas arborizadas.

A construção é regular. Salientam-se estes edifícios: do Conselho Municipal, bem antigo e construído pelo Padre José Monteiro de Sá Palácio e adquirido pelo governador da província para servir também de cadeia pública; a cadeia pública recentemente construída, além de alguns de residência particular.

Merece especial menção a igreja de N.S. do Carmo, que é, incontestavelmente, a principal do Piauí. É toda construída de pedra lavrada. As suas cimbalhas, ombreiras das portas e janelas tudo são de pedras. Tem três portas de frente, e sobre a central, se vêem esculpidas as armas do velho reino de Portugal. É um trabalho verdadeiro artístico. Internamente, além de belos altares, infelizmente mal conservados, notam-se duas lindas colunas de pedra sustentando o coro; a pia batismal, o lavabo, tudo de cantaria. Possui a igreja muitas obras de arte, em ouro e especialmente em prata.

Não se vêem quase casas de palha nos subúrbios da cidade.

Há diversas casas comerciais, cuja mais importante é de José Mendes, Irmão Sucessores, já pela importação de artigos estrangeiros e nacionais, já pela exportação de produtos do município. Seguem-se as casas comerciais de José de Moraes Menezes, Gervásio de Moraes Mello, Joaquim de Moraes e algumas outras.

Há uma bem montada farmácia, de propriedade do Dr. Onofre de Britto Mello, farmacêutico licenciado pela Saúde Pública do Estado.

Em algumas praças vêem-se poços tubulares, preparados pela 1ª C.S., que nenhum benefício prestam à população, por abandonados que se acham.

A municipalidade possui um mercado relativamente bom, se bem que antigo e pequeno, armazém para depósito de couro e o matadouro com o grande cercado para o gado abater-se.

Sobre o Piracuruca se vê sólida ponte cujos pilares são de pedra, e de madeira de lei o restante.

A cidade é iluminada a querosene, visto que as rendas públicas não comportam maiores despesas.

O cemitério é bem edificado e pertencente ainda ao patrimônio de N.S. do Carmo.

Geografia - Superfície

Para o norte, 14 léguas; sul, 5 léguas; este, 14 léguas; oeste, 9 léguas.

Geografia - Limites

Para este, com o estado do Ceará, cidades de Viçosa e São Benedito e vilas de Tianguá, S. José e Ibiapina; para oeste, com o município de Batalha; para o sul, com Piripiri e Pedro II; para o norte, com Parnaíba e Amarração.

Deixo de descrever os limites intermunicipais por desinteressante, visto a constante mutação porque passa, com em todos os municípios e a legislação a tal respeito. Os interesses locais sempre em choque, é que determinam semelhante anomalia. Aliás, é do corpo de nossa legislação, a lei nº 495, de 13 de junho de 1908, que manda proceder à revisão dos limites dos municípios do Estado. Falta, apenas, a sua execução, o que poria termo a intermináveis questiúnculas, que absorvem toda a atividade, fazendo-nos retrogradar aos primitivos tempos da capitania, cuja população se viu sempre empenhada em inútil, por improdutivo, questão territorial.

E refiro-me a todos os municípios do Piauí, pois, o mal é em todos.

É bem possível que isto venha a cessar, no Piauí. Em o Congresso das Municipalidades, reunido nesta capital, em 1821, entre outras cláusulas assentadas e já convertidas em lei, figuram a de “tornar mais estáveis os limites intermunicipais, que não poderão ser alterados sem a exata observância do art. 74 da Constituição Política do Estado e consulta aos poderes públicos dos municípios interessados”.

Não é, pois, à falta de legislação que perdura a causa primária de muitas tricas entre municípios do Piauí.

Geografia - Clima e Salubridade

O clima de Piracuruca, como o de todo o norte do Piauí, é quente. Não possui dados para dar, precisamente a temperatura média do município. Segundo informações colhidas, pela comissão promotora da representação do Piauí na Exposição Nacional de 1908, a temperatura média do município é de 30 graus centígrados.

É geralmente salubre, Piracuruca e seu município, a não serem febres intermitentes que grassam na estação invernal, raras vezes em alguns casos de caráter pernicioso.

No município, o lugar talvez mais saudável é Pés de Serra, cuja população (são inúmeras as moradas e fazendas sitas no planalto) é forte e sadia.

Geografia - Orografia - Aspecto Geral do Solo

Quase nada posso dizer sobre a orografia piracuruquense. Há no município três serras: das Sete Cidades, Verde e Cipoal. Os montes principais são os seguintes: Bom Gosto, Cochicho, Judeu, Jaboti, Pinto, etc.

Há um sem número de pequenas elevações e destaco as seguintes: Tauá, Saco, Cajazeiras, Três Lagoas, Buriti Comprido.

Se bem que, em geral plano, para quase todas as direções do interior do município, se notam pequenas elevações. Para este, cerca de oito léguas da cidade, há um longo planalto onde se acham encravadas várias fazendas de criar, talvez as maiores do município. Referido lugar, recebeu a denominação geral de Pés de Serra. Para o sul, quatro léguas da cidade, há infinidade de elevações, pequenos morros, especialmente nos lugares denominados Salto de Pedra. Um pouco distante é o lugar Sete Cidades, já descrito por inúmeros dos visitantes que ali vão, levados pelas informações cheias de fantasias, dos sertanejos. E não só dos sertanejos, mas de inúmeros visitantes ilustres partem as narrações exageradamente fantástica do soberbo local, que em 1887, chegou a atrair as atenções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, levado a isso pelas informações que o Sr. Jacome Avellino estampou na “Constituição”, órgão que se publicava em Fortaleza (*)

Pinta o articulista com as mais carregadas e extravagantes cores as Sete Cidades. É, efetivamente, de arrebatadora beleza o local, ferem a imaginação aqueles torriões, imensos arcos à altura imensa, ligando umas às outras, o que se convencionou denominar praças. De todos, o mais belo, é o cognominado de “Triunfo” pelo seu tamanho e altura. Como um ponto de recreio, as Sete Cidades fascinam.

Por não conhecer de *visu*, o local, e, mesmo, me falharem conhecimentos especiais para descrevê-lo no ponto de vista geológico, tomo estas linhas da descrição que fez o ilustre engenheiro José Correia Rabelo, que esteve na comissão de estudo de prolongamento da E. de Ferro de Sobral à Teresina:

O terreno em declive quase insensível. Viajávamos cercados de belíssima vegetação piauiense que aqui se designa por – chapada – e, sobre um chão de alva areia argilosa, um parque indefinido de araucárias, leguminosas, malpigiáceas e mistáceas das mais belas espécies: não há no Brasil vegetação mais graciosa de que as chapadas piauienses e só rivalizam com elas os buritizais indefinidos dos campos gerais do norte de Minas.

Viajávamos silenciosos por este parque natural quando um dos guia apontando para uma elevação no horizonte, disse:

“Ali começa o pedreiro das Sete Cidades”. No fim de algum tempo, atingimos a primeira pedra.

Ao longe, esta parecia uma fortaleza blindada, a forma geométrica de um parabolóide hiperbólico, o revestimento bizarro do teto e das paredes, semelhantes a grandes placas pentagonais de aço e dispostas em estrutura embricada: sua situação isolada na entrada das Sete Cidades, tudo isto lhe dava o aspecto de uma fortaleza feita por duendes ou por mão espíritas que habitassem a região como pretendia o nosso guia.

Subimos nesta fortaleza e dali avistamos parte das Sete Cidades: - torres isoladas e altas, mantendo-se por um prodígio de equilíbrio, zimbórios elipsoidas perfeitos, uns muito achatados, outros muito alongados e revestidos como a fortaleza, paredes blindadas de castelos em ruínas, cúpulas esplêndidas, escadarias derrocadas, ruas estreitíssimas em certas regiões, largas como avenidas em outras, alguns templos sem torres em cuja nave se pode penetrar e mil coisas que os olhos vêem, o espírito apreende e é difícil descrever.

Toda esta arquitetura incompreensível, bizarra, sobre-humana, mas geométricas, a aparência de vetustez infinita, o silêncio da região, o calor ardentíssimo; as inscrições indecifráveis feitas sobre as pedras por tribos que não mais existem, tudo isto produzi uma miragem no pensamento e uma aberração do raciocínio: - julgara-se realmente aquilo tudo uma cidade, penetrava-se em naves destruídas com o mesmo respeito com que se encontra um templo.

Tornava-se a gente supersticiosa e não admira que alguns vejam aparições dos gênios que habitam esta cidade dos mistérios!...

Hipótese geológica

“Mas, que vem a ser isto?” perguntava a mim mesmo, diante daquele mistério da natureza.

Isto aqui, disse eu ao engenheiro Cristóvão Pereira, que me acompanhava, sofreu evidentemente a ação erosiva das águas; estes blocos alinhados, semelhantes edifícios, representam os agrupamentos detríticos de maior coesão e portanto maior resistência à erosão, as ruas são constituídas pelo grez ferruginoso comum do Piauí, tanto eu formam um chão mais ou menos de nível, onde a ação erosiva foi mais ou menos igual.

Nada de anormal em tudo isto. Mas estes majestosos zimbórios revestidos de grandes pentágonos, aparentemente embricados esta forma a superfície de revolução elipsoidal ou paraboloïdal das cúpulas; esta forma de superfície regradada das fortalezas; (descobrimos outras além da entrada) tudo isto para mim é mistério; o grez ferruginoso que constitui tudo isto, é uma rocha sedimentar grosseira, incapaz destas bizarras próprias dos calcários e dos basaltos.

A que será devido este fenômeno, que mais se assemelha a um grande esforço de cristalização geral?

E regressamos das Sete cidades sob o peso esmagador da dúvida e da curiosidade!

Há, no município, baixões imensos, que se prestam para a lavoura. O mais notável, é o em que se acha encravado o sítio Carrapato, pela sua extensão e fertilidade.

Na direção do N.E. o terreno, que é coberto da vegetação que recebeu a denominação popular de carrasco, é todo composto de barro amarelo e onde outrora fora centro de grande cultura de algodão.

Para o norte, próximo à cidade, há uma longa elevação e vêm-se aqui e ali grandes blocos de pedras; à sudeste, distante algumas léguas de Piracuruca, assentado em grandes planície, vê-se o Curral de Pedra, assim denominado porque é um curral perfeito, fazendo lembrar um grande cromlechs ou um imensos círculo formado de pedras.

Ali se prendem animais.

(*) Tristão de Alencar Araripe, em 1887, mencionando em memória lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a notícia publicada por Jacome Avelino, despertou entre os sócios do referido Instituto, o desejo de se solicitarem fidedignas informações a respeito da curiosa e extravagante descrição publicada na “Constituição”.

Assim, o Instituto por intermédio de Tristão Araripe oficiou ao presidente da Província do Piauí pedindo nomeasse uma comissão composta das autoridades do lugar afim de que dessem minuciosas informações sobre o local.

É este o artigo ingênuo de Jacome Avelino:

“Na província do Piauí, ao sul da vila de Piracuruca, na distância de 5 léguas, à vista da fazenda Bom Jesus, em uma grande planície, acha-se o lugar denominado sete Cidades, que os moradores adjacentes têm encantada, e dela contam muitas versões, que não passam de superstições, e por isso deixo de mencioná-las.

Não há ali mais do que uma cidade petrificada ou construída por um povo antiqüíssimo e civilizado, de que já não há mais notícia, existindo somente aqueles vestígios.

Tem nela sete praças, e é claro, que dali lhe venha o nome de Sete Cidades, confundindo-se com o das sete praças.

Oitenta e cinco léguas não me obstarão a ir visitar aquele lugar, onde demorei-me três dias.

A sua vista pitoresca inspirou-me desejo de maior demora, mas... a cidade não fala! ... não se move!... mesmo assim faz cismar!

Uma muralha, que volta as portas para o centro, fazendo a entrada por leste, para a cidade, por onde somente pode passar um carro de cada vez, aquele lugar, que pode ter de circunferência uma légua, mais ou menos.

Aquela muralha, que pode ter 6 metros de altura e 4 de largura mais ou menos, é para leste toda coberta de peças de artilharia, juntas umas às outras, e pregadas nas muralhas, de forma que ninguém poderia tirar dali nem precisar muita arte. O comprimento das peças mede a largura da muralha.

Para o lado do norte oculta-se um bosque, que vem de longe ali esbarrar.

Par aos outros dois lados, tem um certo número de terras, que fazem lembrar um lugar de guarnições visto que todo o seu aspecto é de uma praça forte.

Suas ruas são bem alinhadas: as casas são todas ao jeito de tacaniças, e separadas uma das outras, por onde pode passar um homem, e todas tem uns regos, que fingem telhado. As pedras das casas e torres são impenetráveis, mais ou menos brancas, por serem de uma espécie de pedra de amolar.

Bem diferente são as pedras das muralhas, por serem de uma temperatura mais dura. Bem parece, que o fogo ali teve sua influência, pois se diferenciam camadas, dando aparência de matéria fundida.

Mais diferentes ainda são as pedras das peças, porque se assemelham na cor ao ferro enferrujado, e se não houvesse aquela diferença de cores, dir-se-ia, que muralha e peças deavião sido fundidas de uma vez.

Quando anteriormente visitei este lugar, as peças estavam cheias de uma areia alvíssima, breada em alguma analgama, mas que facilmente se desentupiam, como fiz com uma até o meio.

Um arco de abobada guia o absorto visitante, ao sair da primeira para a outra praça, como todas as demais, cobertas de arvoredos.

A planície, onde está assentada cidade é cortada ao lado de leste, a qual se pode chamar de terra talhada. Este talhado fica distante da muralha, cerca de 20 metros, e outros 20 podem medir sua descida um tanto rápida.

Da primeira e maior praça que ali há, rebenta um fio d'água, convertendo-se em um córrego, a pouca distância, o qual vai se engrossando, e à proporção que se prolonga, vai por um pequeno boeiro feito muralha, e a poucas braças da distância desaparece de todo para mais tarde renascer ao pé do talhado com mais força, afim de refrescar uma grande quantidade de fruteiras, tais como manga, jaca, que vegetando em suas margens, compõem um magnífico panorama ao contemplar-se da cidade.

Sai dali o visitante pensativo: olha pra trás, vê as cúpulas do elevado torreão: depois de caminhar uma légua, surpreendem-lhe aqui uma pequena rua, ali seis ou oito casas, depois mais duas e três... semelhante aos restos de um grande lugar, e a noite luta em sonhos com aquele portento".

Geografia - Hidrografia

A artéria principal do município de Piracuruca, é o rio deste nome, um dos afluentes do Parnaíba, que tem a sua origem em a vasta cordilheira da Ibiapaba. Dali nasce o rio Piracuruca, do córrego insignificante denominado S. Benedito, perto da progressiva cidade deste nome.

As águas do Piracuruca precipitando-se, do alto daquela cordilheira, oferecendo à vista belíssima panorama, tomam, a princípio o poente, para, ao penetrar nos sertões piauienses, já no município de Piracuruca cortarem-no na direção leste à oeste, descrevendo pequenas curvas, a mais notável já quando se avizinha da fazenda Barra, ao desaguar no Longa. Tem, de curso, cerca de 34 léguas, sendo que 23 dentro do município.

É rio torrencial, corre apenas na estação invernososa, ficando aqui e ali grandes e pequenos poços.

“Todo o norte do Piauí pertence ao regime torrencial: mesmo o Longa, que em alguns trechos tem mais de 100 metros de largura, não é mais que uma vasta enxurrada que somente corre na estação chuvosa, conservando na estiagem poços, que ainda que tenham uma ou mais léguas de extensão não constituem corrente de rio”. (Eng. José Corrêa Rabelo).

O leito e margens do Piracuruca, desde sua nascente, ora são arenosas, ora atravessando baixões férteis e próprios á cultura, ora, o que é mais freqüente, se compõem de grandes camadas de pedras formando, aqui e acolá, cachoeiras, ora deslizam as +águas sobre latejos imensos. Não raro, a pedra é um grez ferruginoso. Já ao chegar na esplanada da cidade, onde se formam vários poços perenes, há deles, de margens arenosas, outras de pedra própria para base de construção. Das margens do Piracuruca, retiraram os irmãos Dantas Corrêa as pedras para a construção do templo, a que já me referi, cujas colunas são todas de cantaria, lavrada.

Os principais afluentes do Piracuruca, são os seguintes,

À margem direita: Jenipapo, Catarina, Barreiros, Pedra Grande, Provesor, Seco, Palmeira, Tourão, Curralinho, Titaras, Riacho Fundo, Suçuarana, Jacareí, Mouriço, Cerca, Carnaubal, Velame, Santa Rosa, Pedra Furada, Pau Ferrado, Vereda das Éguas, Bebedouro do Angical, Gameleira, Cupins e Sucuruju.

À margem esquerda: Riacho Ipueira, Canha, Cajueiro, Riachão, Mata Fria, Cabirra, S. Luiz, Tucuns, Macacos, Carnaubal, Salgado, Ameixas, Barro Vermelho, Ingazeira, Lontras, Cortume, Salobro, Vereda, Dois riachos, Pé da Serra, Corujas e Galhofas.

Curso dos principais – O riacho Santa Rosa, nasce no lugar denominado Cajueiro ao sopé da Serra da Ibiapaba e tem de curso cerca de cinco léguas, lançando suas águas no Piracuruca, já no município; o Pedra Furada, nasce entre o lugar desta denominação e Santa Rosa, tem de curso cerca de duas léguas e deita suas águas no Piracuruca, no lugar denominado Pau Ferrado; o Pau Ferrado nasce entre as fazendas Peru e Boqueirão e tem três léguas de curso, Vereda da Éguas, origina-se na fazenda Boqueirão e deságua na fazenda Veados, com um curso de quatro léguas; o Bebedouro do Angical, nasce no lugar deste nome, tem um curso de três léguas e deságua no Piracuruca no lugar denominado Araticum; o Catarina, nasce na Serra da Ibiapaba, com 26 léguas de curso e despeja suas águas no Piracuruca, na fazenda Barra, acima da cidade, pouco mais de três léguas e é abundante em peixes; o Jenipapo, nasce na Serra da Ibiapaba, cursa 24 léguas e deságua no Piracuruca, acima da cidade quatro léguas e é piscoso; o Pedra Grande, com três léguas de curso e nasce ao norte de Piracuruca e deságua um pouco distante da cidade; o Provesor, com um curso de uma e meia légua, forma-se ao norte da cidade e se lança no Piracuruca meia légua, forma-se ao norte da cidade e se lança no Piracuruca meia légua abaixo da mesma; o Palmeiras, nasce também ao norte da cidade, com um curso de duas léguas, deságua no Piracuruca duas léguas abaixo da cidade; o Riacho Fundo, - com três léguas de extensão, se origina na fazenda Poços e desemboca no Piracuruca, quatro léguas abaixo da cidade; o Suçuarana, nasce ao norte da cidade, tem quatro léguas de curso e

deságua no Piracuruca na fazenda S. José, cinco léguas abaixo, da referida cidade; Jacareí, nasce na Serra da Ibiapaba deságua abaixo, da referida cidade, Jacareí, nasce na Serra da Ibiapaba deságua abaixo da cidade de Piracuruca 5 ½ léguas depois de um curso de 16 léguas e é rio piscoso, Vereda, origina-se no município de Pedro II, na fazenda Cajazeiras, lança-se no Piracuruca depois de um curso de seis léguas, acima 12 léguas da cidade, Columinquara, forma-se na serra de Pedro II, cursa seis léguas e se lança no Piracuruca, 10 léguas acima da cidade, na fazenda Veado; o Cajueiro, forma-se na Serra dos Matões, cursa sete léguas e deita suas águas no Piracuruca, na fazenda Tabuleiro Grande, acima 11 léguas da cidade; Pinguela, (também chamado Pé de Serra), nasce na Serra dos Matões, com seis léguas de curso, desemboca no Piracuruca, no lugar denominado Curral Falso, acima da cidade sete léguas; Cunha, origina-se no lugar Angico Branco, com quatro léguas de curso, deságua no Piracuruca sete léguas acima da cidade; Riachão, nasce entre os lugares Bom Sucesso e Sete Cidades, tem quatro léguas de curso e lança suas águas no Piracuruca, quatro léguas acima da cidade, na fazenda Barra; Mata Fria, forma-se ao sul da cidade no lugar Salto de Pedra, com três léguas de curso e se lança no Piracuruca acima da cidade duas léguas; tucuns, forma-se no lugar denominado Gado Bravo, tem três léguas de curso e despeja suas águas acima da cidade, duas léguas; Morro do Chapéu, com duas léguas de curso, forma-se no morro de igual nome e lança no Piracuruca, um pouco abaixo da cidade, no poço denominado David; Cabirras, forma-se no lugar “Saco”, tem uma légua de curso e se lança no Piracuruca meia légua abaixo da cidade; Salgado, forma-se na fazenda Paraíso, com três léguas de curso e se lança no Piracuruca, três léguas abaixo da cidade. (*).

Inúmeros outros riachos sulcam as terras do município e que não deságuam no Piracuruca.

Lagoas – As mais importantes são as seguintes: Alagoa Grande, distante da cidade cinco léguas ao sul, piscosa; S. João, na fazenda S. Antônio, duas léguas distantes da cidade, muito piscosa; Faveira, ao norte da cidade, 11 léguas, não é piscosa. Nas grandes secas, essas lagoas se esgotam inteiramente. Há muitas lagoas ainda e que não merecem que se mencionem.

Olhos d’água permanentes – Chafariz, Taboca, Extremas, Brejo Velho, Bananal, Judeu (com cinco olhos d’água), Tamboril, Santa Clara, Moita, Pitombeira, Peru, Veados, Ladino, Belém, Salina, Campestre, Alto formoso, Cameleira, Afonso, Poço da Pedra, Sucuruju Velho, Caiçara, Regalo, Debalde, Chapada, Espinhos, Poços, Bananeira, Morcego, negro, Palmeira, Tuturubá, S. Antônio, Carrapatos, Vassouras, Matos, Municipal, Buriti Comprido, Salto de Pedras, (são dois), Boqueirão, Descoberta, Bom Sucesso, Ramagem, Bananeira, Bacuri, Piedade, Lisboa, Cajazeiras, Marajá, S. Luiz, Pitombeira, Cipoal, Canto e Sete Cidades, (são cinco).

Desses, o Municipal (outrora denominado do “Padre” porque pertencera ao pároco Máximo Martins Ferreira) é o que abastece a população da cidade quase toda.

Deixo de mencionar uma infinidade de outras fontes por não serem perenes.

(*) “Descrição da Vila de Piracuruca feita em 1883”, de colaboração com o Coronel Domingos de Brito Passos, inédita, pertencente ao arquivo do Exmo Sr. Senador Antonino Freire.

Geografia - Flora

É rico o município em toda espécie de maneira de construção, árvores frutíferas silvestres e cultivadas, arbustos medicinais, etc.

Para taboado, destaco as principais: cedro, toruman, umburana, tamboril, paraíba, tatajuba, freijó; para construção: pau d'arco, aroeira, jatobá, piquá catanduba, rama branca, pereira, caraíba, pitombeira de leite, amargoso, conduru; para cercados: candeia, cascudo, sucupira, sabiá ou unha de gado, folha larga.

Entre as árvores frutíferas silvestres: pequizeiro, tucunzeiro, carnaubeira, trepiazeiro, cajazeiro, Maria Preta, creoliseiro, pitombeira, oitiseiro, tuturubaseiro, guabirabeira preta e amarela, ameixeira, muriciseiro, jatobaseiro, cajuzeiro, ingá, conduru, jenipapo, araticum, araçá, sapucaia, jacarandá, etc. Cultivadas: jaca, manga, laranja, lima, buriti, caju, saputi, coco, ata, goiaba, tamarindo, mamão, banana, etc... Entre os arbustos medicinais: macela (em grande quantidade) ipecabuanha, velame, japecanga, pega-pinto, malva branca, paulista, cabeça de negro, batata de tiú, canoinha, etc.

Não há matas, em compensação se vêem amplos campos, imensos tableiros, catingas, carrasco, cobertos de vegetação.

Geografia - Fauna

Nada deve adiantar sobre a fauna, que toda ela é a do norte do Piauí. Desde o cardeal, a avestruz americana, é abundante o município em toda a variedade de aves: dentre os mamíferos, há os em grande escala, desde os porcos do mato (caititu e queixadas) mau grado as batidas dos caçadores.

Geografia - Minerais

O interior do Piauí foi explorado graças às notícias de sua riqueza mineral, que corria, como no resto do Brasil, ser fantástica, cruzando-se aventureiros, em todos os sentidos. Sobre si o município de Piracuruca possui minerais, nada adiantou além das informações colhidas pelo Dr. Antonino Freire, quando diretor das Obras Públicas do Estado, publicou, na Revista do Instituto Histórico Geográfico Piauiense. Há no município, em grande quantidade, argila (toda variedade de tabatinga, usada para se caírem casas), calcários, possui mármore de várias cores; corporosa, abundante no rio Piracuruca, ignorando a variedade; chumbo, segundo informações levadas ao Governador da Capitania D. João Amorim; cobre, diz o Dr. Antonino Freire, parece ser o município mais rico neste metal; cristal de rocha, possui em abundância; e prata, no lugar Carcondas.

É possível que no lugar Sete Cidades haja uma fonte termal: o Olho d'água denominado dos milagres. A qualquer hora, a água acusa temperatura além da ordinária. Não afirmo, porém, o seja, pois, me baseio tão somente em informações de pessoas desentendidas em tal assunto.

Geografia - Vias de Comunicação e de Transporte

É servida pelo telégrafo e correio. O serviço postal é assaz demorado e não satisfaz, por isso, a necessidade da população.

Com o serviço da Estrada de Ferro Central do Piauí, ora em construção, ficará a cidade ligada ao único porto marítimo do Estado que é Amarração. Atualmente, o transporte é ainda primitivo, feito em animais, apesar das grandes distâncias a percorrer.

Todo o leito da estrada de ferro já se acha preparado até Piracuruca, e a locomotiva já penetrou no município, distante da cidade nove léguas.

Aspecto econômico – Posto o município possua grande trechos de seu território mui próprio à lavoura, fertilíssimos até, esta é assaz diminuta, não dá para abastecer a população, que recorre aos municípios vizinhos, importando os principais gêneros alimentícios. E não é de hoje. Mesmo antes de 1888, o município importava cereais, porque a sua produção era insignificante.

Anteriormente àquela data, a lavoura, de cana e de algodão somente, é que prendia a atenção dos agricultores, conforme se verifica de documentos da época.

Atualmente, o interior do município é ainda mais despovoado e, eis a principal causa da lavoura diminutíssima.

A essencial preocupação do povo, desde os primeiros dias do povoado é a citação de gado, que foi avultadíssima, exportando em grande escala pelo perto de Amarração, para o Pará e Guiana Francesa. (*)

Com as repetidas secas, atualmente, se acha muito reduzida a criação de gado, já não digo em Piracuruca, mas no Piauí, que, se não tomarem providências imediatas, protegendo a criação, breve, o estado terá que importar para o seu consumo. Porque, os processos seguidos pelos criadores, são os mais primitivos, entregues os rebanhos exclusivamente à natureza, vinda a seca, deixa reduzidíssimas as fazendas. Em tudo, predomina a rotina. E o resultado, é que as fazendas vão diminuindo progressivamente, e, conseqüentemente, a exportação.

Há um todo o município 263 fazendas de criação de gado vacum.

Já que não tenho dados seguros para apresentar a exportação de gado, couros e peles, que são uma das fontes de receita, deixo consignada a arrecadação da coletoria estadual, de 1915 a 1921:

1915	23.093\$902
1916	32.350\$952
1917	35.833\$897
1918	56.758\$642
1919	50.788\$556
1920	53.006\$594
1921	36.703\$994

Em igual período, foi esta a receita da Intendência Municipal:

1915	9.576\$357
1916	8.411\$402
1917	8.577\$848
1918	9.104\$788
1919	7.263\$311
1920	7.379\$029
1921	9.611\$100

Em igual período, foi esta exportação de cera de carnaúba:

1915	6.648 arrobas
1916	6.832 arrobas
1917	5.701 arrobas
1918	8.811 arrobas
1919	8.297 arrobas
1920	7.553 arrobas
1921	6.584 arrobas

É preciso convir que estas cifras não significam tenha o município produzido somente o que elas registram, visto como grande parte da cera extraída é desviada para os municípios vizinhos.

E não só a cera: pelas em grande quantidade os municípios vizinhos, especialmente os do Ceará, exportam como produtos seus.

Piracuruca possui vastos e inúmeros carnaubais, felizmente conservados. Dos municípios que lhe são limítrofes, é, talvez, o mais rico em carnaubais. Pena é que o processo de extração seja tão rude ainda, o façam tão grosseiramente, determinando, às vezes a baixa cotação da cera do município de Piracuruca.

A situação econômica do município é bem lisonjeira e outra face tornará logo que terminam os serviços da E. de Ferro Central do Piauí, já prestes a locomotiva a chegar à cidade. (**)

Assim, outras fontes produtivas aparecerão, novas energias, despertarão sem dúvida.

Possui o município largas faixas territoriais próprias à cultura do algodão, que em tempos idos era cultivado em grande escala. Não tem o “babaçu”; em compensação, às margens de inúmeros córregos e riachos abundam em tucunzais, absolutamente inexplorados á falta de transporte.

(*) Ler “O Amigo do Povo”, 1870.

(**) Desde fins de 1922, foi inaugurada a estação da E. de F. em Piracuruca.

Geografia - Instrução

O estado mantém duas escolas: uma do sexo masculino e outra do feminino, regidas, respectivamente, pelo professor Félix Amaral, nomeado a 4 de Setembro de 1894, pela normalista D. Raimunda de Barros Cavalcante, nomeada a 6 de outubro de 1921.

O município, ex-vi da cláusula III do congresso das municipalidades, criou a 1º de fevereiro de 1921, uma escola para o sexo masculino, da qual se acha à frente o professor Josias de Moraes Melo.

A estadual do sexo masculino tem uma matrícula de 48 alunos e frequência média de 28; a feminina, a matrícula é de 46 alunos e frequência média de 20, e, a municipal a matrícula é de 48 alunos.

A primeira escola pública foi criada pela portaria de 18 de julho de 1829, ordenando, a mesma, que o método a adotar seria o individual. Nada encontrei, por mais pesquisas que fizesse, no arquivo da instrução pública, sobre os professores nomeados após a instalação da escola oficial nem mesmo quanto a de Fernando Pereira Bacelar – vulto venerando a quem Piracuruca deve insolvável dívida, qual a de, com verdadeiro devotamento, inimitável zelo e verdadeira vocação profissional, cooperar para que muitas gerações não caíssem em a mais completa ignorância.

E, tais os serviços prestados pelo egrégio mestre, que me não posso privar de consignar nestas linhas, ao menos ligeira notícia sobre o grande preceptor.

Foi um abnegado, Fernando Bacelar, Filho de Valença, sentiu desde cedo, decidia inclinação para o magistério, pelo que, no torrão natal, muito moço ainda, foi professor público. Circunspecto, servido por sólida aptidão para o exercício de certas funções públicas, o que era raríssimo naqueles tempos, Fernando Bacelar, ainda foi agente do correio, tabelião e juiz de paz, em Valença.

Os impulsos do seu patriotismo arrancaram-no da vila natal em 1839, quando a província se achava convulsionada pela rebelião denominada dos Balaios.

Mosquete às mãos na defesa da ordem pública, Fernando Bacelar, na caserna, acampamento rude, não pôde ocultar aos camaradas os conhecimentos de que era portador, e, logo que assumiu o comando em chefe das forças expedicionárias do Piauí, o Te-coronel José Feliciano de Moraes Cid, o nomeou escriturário de seu gabinete em campanha. Era, então, sargento da guarda nacional. Verificou depois, praça e foi promovido sargento quartel-mestre, e, terminada a campanha, foi nomeado amanuense da Secretaria do Governo, em 1844.

Terminada que foi a rebelião, em que serviu, como se disse, no cargo de escriturário do Comando em chefe, acompanhou o Te-Coronel José F. de Moraes Cid até a Bahia, regressando ao Piauí com as recomendações desse militar, que conseguira pacificar a província.

Devo assinalar um fato bastante honroso ao distinto soldado: o presidente da província como uma homenagem ao Te-Cel. Cid designou uma guarda de honra para levá-lo até a Bahia, o que, delicadamente, recusou o comandante e manifestou, então, o desejo de ser acompanhado pelo 1º sargento Bacelar.

Pouco tempo demorou no cargo de amanuense da Secretaria de Governo, sendo nomeado professor público da então vila de Piracuruca em agosto de 1844. Quando reformou a instrução o presidente Zacarias de Góes. Assumiu o exercício em 1845.

Além de professor exerceu em Piracuruca os seguintes cargos: secretário da confraria de N.S. do Carmo, escrivão da Coletoria geral e provincial, secretário da Câmara, tabelião público, interino, juiz de paz, contador, curador de órfãos, delegado de polícia, juiz de paz e municipal, vereador da câmara e promotor público.

Possuía excelente caligrafia, era corrente em contabilidade, e, em foco na província o “ensino mútuo” estudara desveladamente os processos de ensino em voga.

O que foi a ação do professor Bacelar, em Piracuruca, atestam-na muitas gerações, que ele, com verdadeiro patriotismo, educou.

Foi jubilado em 1864, depois de longos serviços, à causa pública.

Intuição perfeita do ensino, tinha-a ele, que além de escrever, ler e contar, ensinava ainda rudimentos de aritmética, instrução cívica, e até do desenho cogitava.

Compreendendo a elevada função de mestre, na sociedade, muitas vezes, em benefício do discípulo, futuro cidadão, se arrogava atribuições, que, evidentemente competiriam aos pais, proibindo, o se portarem, fora da escola, sem a necessária compostura. Era o maior vigilante de seus alunos, sem cometer excesso, castigando-os, intransigente, ante a transgressão da linha de conduta que lhes traçava. E, por isso mesmo, muito lhe deve aquele pequeno trecho do estado, como educador que foi, e o Piauí o patriotismo de se haver alistado nas fileiras da legalidade, em defesa da ordem pública.

Jubilado em 1864, repito, passou alguns anos, parece, fora dos labores do professorado.

A população, porém, é que se não pode resignar com a falta palpitante de um professor à altura do velho serventuário, que tantos anos se consagrara à educação da mocidade.

Não sei se anteriormente a 1894, depois de jubilado se dedicou ao magistério. Desta data a 1910 lecionou, particularmente.

Além dos cargos vários que ocupou, pertenceu, sempre às fileiras do partido conservador, sem se envolver, contudo, em questões partidárias locais, como mostrando com o exemplo à mocidade que o cercava, se colocar em um plano donde aquelas não o arrastariam. E assim manteve sempre a maior autoridade no meio social piracuruquense, alheio em absoluto, àquilo que se não prendesse ao bem coletivo.

Católico convicto, cerca de 20 anos antes de falecer, só deixava a casa para, aos domingos, ir à igreja.

Faleceu a 26 de maio de 1915, contando mais de 100 anos e continuam os seus restos mortais em humílico jazigo, sem que os poderes públicos municipais cumpram o dever de erigir-lhes condigno mausoléu.

Conclusão

Escritas em pouco dias as linhas acima, nas vésperas das festas do centenário de nossa independência, quando se resolveu a publicação de um livro sobre coisas do Piauí, - de muitas falhas se ressentem, além de erros de revisão.

Faço, somente as seguintes correções: o local onde se acha a cidade de Piracuruca era, efetivamente, o da fazenda Sítio, e não sesmaria, como disse. Em uma justificação feita em 1861, se vê que foi em terras da fazenda Sítio que se edificou a igreja de N.S. do Carmo, com meia légua, demarcada em 1821, pelo ouvidor da Comarca Dr. João Cândido de Deus e Silva.

O nome do Sub-prefeito da vila, ao tempo da revolução dos balaios é José Rodrigues de Miranda e não Luiz Rodrigues de Miranda, como repetidas vezes ficou estampado.

Theresina, Setembro 1922.